

Vista da mesquita el-Moyed, no Cairo.



mesquita el-Moyed, ou Médrecet-el-Moyedyed, foi construída no princípio do século decimo quinto (anno 807 da hegyra) pelo sultão Abou-el-Nars, cheykh-el-Mamoudy, da illustre familia dos Daherites, e no lugar d'uma prisão, onde o emir Mentach o tinha tido captivo. A decoração interior d'este edificio religioso é d'uma grande riqueza. Os tectos estão divididos por molduras douradas em outros tantos paineis. No sanctuario, as pedras preciosas vêem-se por toda a parte engastadas no ouro e na prata; bellas fazendas e estofos preciosos adornam as paredes; tapetes primorosamen-

te trabalhados cobrem as lages do pavimento.

Três mirantes se elevam, um no angulo nordeste, e os outros dois no angulo sudoeste do monumento; estes dois ultimos tem por base duas grandes torres em fórma circular, e em cujo centro se abre a porta do bazaar el-Soukarieh. O primeiro pavimento d'estes dois mirantes começa ao nível do terraço, d'onde o *muezzin* sobe ás galerias para chamar os fieis á oração. Lojas, ou pequenos bazaares estão encostados aos muros exteriores da mesquita; o preço do seu aluguer é uma das fontes de receita d'esta mesquita.

VIAGENS

VIAGEM À CRIMÉA

PELO PRINCIPE DE DEMIDOFF



TRAVESSAVAMOS com toda a rapidez das nossas ligeiras equipagens a planície esbranquiçada e arida que nos levava ao Belbek; não interrompemos a marcha senão durante alguns instantes, em que nos distrahiámos caçando uma linda especie de falções, tão abundante n'esta localidade quanto é rara nas outras; tivemos a boa sorte de matar alguns. Logo que passámos Belbek, aldêa metade russa, metade tartara, desce-mos o valle estreito que segue o curso do pequeno rio d'este nome. Este lindo valle é uma serie não interrompida de jardins e de vergeis, cuja frescura e fertilidade lembram as mais felizes culturas dos paizes occiden-taes.

Bem depressa deixámos atraz de nós esta parte agradável do paiz, e subimos ao plan'alto do *steppe*, d'onde vimos o mar a uma pequena distancia. Estavamos chegados á costa d'oeste da Criméa. Tomámos n'este logar um caminho que desce para o porto de Sebastepol, onde já começavamos a ver o alto dos mastros dos navios. Tal era a velocidade vertiginosa da nossa marcha, que uma das *talegues*, tendo perdido uma roda, foi arrastada de lado, fazendo um grande sulco na poeira, durante um espaço consideravel, até que foi possível fazer parar os cavallos. O conductor, que n'este accidente apenas o que lhe dava cuidado era o caminho que tinha que desandar para ir buscar a roda que se havia perdido, reparou o destroço sem consentir que os viajantes saíssem para fora do tal transporte; substituiu com o maior descanso um pedaço de pau em logar da chaveta que se havia partido, e redrobou a velocidade do galope, para recuperar, dizia elle, o tempo perdido. Entretanto chegámos, sem outro sinistro, ás margens da bahia, onde em quanto se pre-

parava o barco que devia conduzir-nos á cidade, não podiamos faltar-nos de admirar o magestoso espectáculo de dez naus e mais quinze navios de guerra magestosamente formados n'uma só linha, em um dos mais bellos portos que é possível imaginar.

Embarcando n'uma pequena enseada, quasi cheia de navios de cabotagem, atravessámos o porto, passando junto da popa da nau *Varsovia*, que tem 120 peças, e chegámos, depois de um quarto d'hora de viagem, ao caes de Sebastepol, onde tumultuava uma multidão buliçosa, reunida pela recente chegada de melancias, que os mercadores a retalho disputavam com uma grande algarra.

A cidade de Sebastepol occupa toda uma altura, situada entre duas bahias; as suas ruas largas, mas inundadas de uma poeira verdadeiramente afflictiva, tem poucos edificios importantes; as casas são pequenas, baixas e muito separadas entre si.

Depois de uma hora perdida em procurar, debalde, uma hospedaria que não existe, indicaram-nos, finalmente, um conserveiro italiano, que poz á nossa disposição dois quartos vazios, cujos vidros o vento tinha posto em miseravel estado.

Senhores da casa, era necessario arranjar a mobilia. O nosso protector, o honrado Cabalzar, encarregou-se de tratar immediatamente d'este negocio; com effeito, no fim de uma hora troxeram-nos, por um preço muito razoavel, uns vinte mólhos de feno, que nos fizeram recordar aquellas mobílias dos estudantes da idade media.

Lembrando-nos com saudade das commodas esteiras que no palacio de Baghtchi-Serai nos convidavam tão agradável-mente a dormir um bello somno, não tive-mos remedio senão preparar-nos por meio do

descanço para os novos espectáculos que nos esperavam.

A situação de Sebastepol, como estabelecimento de marinha militar, é considerada muito importante, e muito propria a todos os respeitos: com effeito, poucos portos na Europa se hão de achar que tão bem satisfaçam ás necessidades d'uma grande esquadra. Um braço de mar, d'uma largura respeitavel, cavou um leito profundo na costa occidental da Taurida e penetra pela terra dentro até uma distancia de duas legoas. Não existem rochedos perigosos, nem especie alguma de cachópos n'esta magnifica bahia; a entrada, que é facil, está defendida por fortificações temiveis, cuja poderosa artilheria varreria sem difficuldade toda a largura da foz. Chegando a entrar n'esta grande bahia, e olhando para o lado do sul, descobrem-se quatro enseadas espaçosas que offerecem um abrigo seguro e uma entrada tão facil, que uma d'ellas, a bahia dos navios (*carabelnaja boukta*) permite ás naus de guerra de tres pontes virem fundear sem perigo a algumas toezas da costa. Exactamente entre duas d'estas enseadas se eleva a cidade de Sebastepol, cujo nome grego significa a cidade de Augusto; este nome ha de em breve fazer esquecer de todo o de Ak-Tiar, que os tartaros lhe dão ainda, como recordação de uma cidade antiga ao norte da bahia, não longe da altura arida que fórma a entrada do porto.

No proprio logar onde hoje se acha, Sebastepol cobre com os seus edificios o terreno onde vinham terminar na mais remota antiguidade os arrabaldes de Chersone, cidade dos Heracleotes, que desapareceu ha tanto tempo da superficie da Taurida, mas onde deixou ruinas que o tempo levará, como levou a cidade.

As altas collinas que defendem o porto, apresentam, tão longe quanto a vista póde alcançar, o aspecto d'uma completa desolação; esta parte do paiz é arida e escavada; não desmente de certo o nome de Ak-Tiar, (rochedo branco). A mesma cidade, cujas ruas symmetricas atacam de frente as difficuldades do terreno, parece estender-se com grande difficuldade pelas escarpadas ondulações do territorio. O viajante que desembarca no caes da alfandega, e que descobre esta cidade sobre os seus rochedos brancos, tem vontade de recuar diante de tantos obstaculos; chega mesmo a procurar algum caminho mais facil e menos perigoso; uma unica rua, um pouco mais toleravel que as outras, se estende parallelamente ao grande porto sobre um pla-

no já elevado, e reúne nos seus dois lados todos os edificios notaveis de que a moderna Sebastepol se póde desvanecer.

A cathedral, edificio religioso da mais elegante architectura, attrahe os mais humildes respeitos do povo. Mais longe, eleva-se a torre do almirantado, um pouco alta com as suas columnas que não guardam proporção com o resto do edificio. Algumas casas elegantes que se distinguem pelo uso das taboinhas; alguns pequenos jardins, de que a poeira devora a verdura, eis o que se observa n'este bairro mais opulento de Sebastepol.

Ainda mesmo no alto da cidade, encontram-se estes jardins, que encobrem algumas casas pequenas, mas mui acceiadas; no entanto esta parte da cidade está muito exposta aos ventos, que açoitam periodicamente toda esta porção de terreno, e que formam nas ruas verdadeiras tempestades de poeira.

Entretanto, chegando-se a estas alturas, fica-se indemnisado, pela belleza da perspectiva, das fadigas d'uma longa subida. Vê-se então todo o porto e os seus estabelecimentos, panorama admiravel, muito especialmente quando a esquadra inteira do Mar Negro apresenta, como no momento em que alli chegamos, em toda a extensão da bahia, a sua linha empavesada de flammulas e galhardetes.

Ao tempo em que acabavamos em casa do nosso patrão os simples preparativos para passarmos a noite, havia na cidade e no porto um movimento fóra do commum. Era a chegada de um barco a vapor do estado, o *Gromonocets* (o porta-raios), que trazia a bordo o principe Menschikoff, ministro da marinha imperial, e que se esperava para fazer a inspecção da cidade. O ministro não deixou o seu navio, e recebeu, logo que o *Gromonocets* deitou ferro, a visita de todos os corpos do serviço publico.

O almirante Slavanieff, que commanda o porto de Sebastopol, (1) estava então gravemente enfermo, e esta circumstancia nos privou da honra de lhe sermos apresentados; tivemos de nos contentar com o enviar-lhe a carta de recommendação de M. o conde de Woronzoff. Fomos mais felizes com M. Hupton, o habil engenheiro que concebeu e que dirige os importantes e uteis trabalhos do porto. Recebidos em sua casa com uma perfeita cordialidade, encontrámos alli o quadro d'uma verdadeira vida em familia. M.

(1) Deve notar-se que esta viagem é anterior á presente guerra.

Hupton é pae de oito filhos, que já activos e intelligentes ajudam dignamente seu pae nas immensas empresas que dirige e em que emprega um exercito de soldados trabalhadores.

O que mais nos admirava era ver estes mesmos soldados alternativamente carpinteiros, sapadores, ferreiros, pedreiros, etc. desempenharem perfeitamente todos estes diversos misteres; M. Hupton, inglez de origem, e por consequencia acostumado na sua patria a estes milagres de industria, não cessava de elogiar esta aptidão do povo russo para aprender os diversos officios e misteres. Devemos acrescentar que o soldado russo não é sómente um habil artista, mas tambem um operario docil por character, respeitoso sem baixeza; destro e activo sem ser insubordinado. Os estaleiros de construcção da marinha imperial estão estabelecidos em Nikolaieff, situação favoravel, tanto pelo sitio, como por causa das madeiras que vem da Russia central.

Em Sebastepol, bastava um dique para a querena, e a nova doka satisfará perfeitamente a esta condição. Mas quem o ha de crer? O grande inimigo, o grande destruidor que devora os navios, nas bellas aguas de Sebastepol, é um bichinho quasi imperceptivel, o *teredo navalis*. Reduz, segundo dizem, a oito annos a duração media de um navio de guerra, condição mui desfavoravel inherente á marinha russa; pois que a duração media nas marinhas ingleza e franceza, calcula-se em mais de quinze annos.

Alguns ensaios que se tem feito para preservar os navios d'esta causa de destruição precoce não tem tido na apparencia todo o successo que era de esperar. É verdadeiramente afflictivo pensar que um inimigo, ao parecer tão desprezivel, ataque impunemente estas grandes e respeitaveis massas, sobrenadando altivamente n'um dos mais bellos portos do Universo.

Uma excursão a Inkerman foi o pretexto para um passeio nautico, quando terminámos as visitas d'estes interessantes trabalhos. Deixando o arsenal, notámos uma bella fonte, destinada a fornecer agua em abundancia á esquadra, e que se abre em um dos lados do rochedo. Um systema de filtros, que funciona continuamente, purifica estas aguas, de que os navios se hão de abastecer.

Quando atravessámos toda esta porção activa dos trabalhos, navegámos socegradamente entre rochedos desertos e a linha das ultimas fragatas, que estavam em escalão até ao fundo do porto. Passando diante de um

estreito valle, notámos através das arcadas elegantes d'um aqueducto, uma casa isolada, especie de kiosque que se eleva no meio de um bosque de pequenos carvalhos. — É o jardim publico, o ponto de reunião nos dias festivos d'esta cidade, que se vae creando, por assim dizer, e que ao tempo que eleva os seus muros e os seus reparos, tem já tratado dos logares de recreio e de distracção.

É, principalmente, no primeiro dia do mez de maio que este jardim se povoa de uma festiva multidão. Em quanto examinavamos o elegante pavilhão, que é o centro d'estas solemnidades, numerosos artifices acabavam os embelleseamentos e os ornatos interiores, que uma proxima circumstancia tornava necessarios. Não era que se soubesse com certeza, mas esperava-se que a familia imperial, depois de ter animado com as suas vistas todas estas obras novamente creadas, quizesse visitar este modesto retiro, consagrado aos prazeres.

No fundo da bahia, o predominio da agua doce sobre a salgada manifesta-se por uma abundancia de grandes caniços e mais plantas aquaticas que atravessámos facilmente em a nossa canoa, que uma fresca brisa impellia; depois achamo-nos no leito estreito, mas ainda profundo, da Tchernaiá-Retchka. Aqui, os rochedos se afastam, o valle alarga-se; pequenos prados que o regato sulca, sombreados por alguns freixos e varios arbustos, alegam a vista, cançada de contemplar estas penedias escuras e uniformes. Desembarcamos á direita, debaixo das arvores, e preparamo-nos para subir o rochedo visinho, no qual se cavava um novo leito para o rio, que elle ha de seguir para alimentar os diques do arsenal.

Comodos degraus abertos na rocha facilitaram-nos a subida. Esta obra tão util tinha sido inaugurada no mesmo dia em que um illustre estrangeiro, o general Marmont, visitou o valle de Inkerman.

Chegados á margem do canal, encontramos logo o *tunnel*, que se perde debaixo de uma formidavel massa de rochedos. Esta passagem, toda aberta a escopro, e que levou quinze mezes de trabalho, mede cento e trinta metros de comprimento; a altura da sua abobada é de dez pés francezes, e junto á parede da esquerda corre um passeio para a circulação dos viandantes. Tendo começado ao mesmo tempo nas duas extremidades, os trabalhadores encontraram-se no meio da distancia e sem desvio sensivel.

Para completar o que temos a dizer a respeito d'este bello canal de dezoito wertz,

destinado a um fim tão útil, accrescentaremos ainda, que onze casas de guarda, em fórma de pavilhões octogonos, existem espalhadas pelas suas margens.

Perto d'aquelle sitio fomos visitar um profundo desfiladeiro, onde alguns religiosos prepararam em tempos remotos um abrigo contra as perseguições. Uma porta estreita e uma escada tortuosa, para a qual se abrem diferentes cellas, conduzem a uma capella, onde ainda se notam vestígios dos arcos góticos. Esta capella permite ver por uma larga abertura todo o lindo valle de Inkerman; e no fundo, a immensa massa de pedra sobre a qual se elevava esta antiga cidade.

Hoje a piedosa habitação, privada de seus hospedes austeros, serve de abrigo aos soldados que trabalham no canal, e que encontram n'ella um descanso que lhes custa bem caro, e em camas que nada ganham em commodidade ás que usavam os primitivos habitantes do eremiterio.

A historia da Criméa não nos offerece a respeito de Inkerman senão noções mui incertas. Segundo alguns sabios chronistas, os tempos antigos da Grecia conheceram-a florescente debaixo do nome de Theodosia; outros querem ver o Stenos da geographia dos gregos. Pallas, pelo contrario, está disposto a crer que os genovezes foram os primeiros que se estabeleceram n'estes rochedos escarpados. Hoje paredes em ruinas, alguns restos de torres, e um grande numero de pequenas grutas alinhadas no declive quasi vertical da montanha, é tudo quanto se pôde ver n'uma breve visita.

Os habitantes de Sebastepol, que vos acompanham n'este passeio, aconselham ordinariamente, o abreviar a excursão, tão triste fama, quanto a salubridade, tem as lagóas visinhas.

Voltámos para Sebastepol, e de passagem visitámos uma bella fragata, que tem o nome de *Bourgas*. A apparencia do navio, e as suas nobres fórmas exteriores eram dignas do resto da esquadra; mas toda a nossa admiração foi excitada pelas bellas proporções e a magnifica apparencia da *Varsovia*, nau de tres pontes, que dominava, firme como um rochedo, toda a linha d'esta esquadra, que não contava menos de doze mil homens e mil e quinhentas peças.

A vida dos habitantes de Sebastepol é toda interior; tanto os obstaculos que temos assignalado se oppõem aos prazeres e divertimentos que em outras cidades fazem o prazer da vida! Apenas, quando chegava a noi-

te, algumas, e essas poucas, embarcações se achavam ao mesmo tempo que nós na enseada para gozar do espectáculo magnifico do pôr do sol. Mas se os habitantes se abstêm da vida exterior, gostam, pelo contrario, das reuniões e dos prazeres domesticos.

Aquelles d'entre os meus companheiros que eram estranhos aos habitos de vida da classe media na Russia, puderam abservar em Sebastepol as particularidades as mais agradaveis.

Um acolhimento politico, e as attentões as mais obsequiosas, são postas em pratica n'estas regiões, assim como no centro do imperio, e em nada desmentem a hospitalidade proverbial da Russia.

Alguns usos repassados d'uma simplicidade patriarchal se encontram ainda no seio das familias.

Assim em mais de uma habitação, o dono da casa prova o vinho do copo do seu hospede: aperta-se a mão ás senhoras, e por cada beijo na mão, recebe-se um na face.

Todas as noites, a familia e os intimos da casa se reúnem em volta de uma mesa, de chá, onde se conversa com bastante animação; mas antes das dez horas cada um se retira. As dez horas Sebastepol goza de um socego perfeito; o socego não é perturbado senão pelo som longinquo da sineta dos navios que accusam as horas, e pelos gritos prolongados das sentinellas do porto, a que responde o lugubre uivar dos cães.

Conta-se em tempos ordinarios, em Sebastepol, uma população de trinta mil almas, habitantes, soldados e maritimos empregados no serviço do porto. É preciso dizer que tínhamos chegado em boa occasião; a presença da esquadra e o exercito activo dos trabalhadores duplicavam o numero dos habitantes. Era principalmente nas proximidades de um mercado bem abastecido que se podia fazer uma idéa d'esta multidão. Era alli que o consumo das melancias era prodigioso. Montes immensos d'este fructo refrescador, accumulados durante a noite, desapareciam pela manhã. Uma immensa variedade de peixes era exposta á venda ao romper do dia, com grande satisfação dos nossos naturalistas, que precediam no mercado aos diversos consumidores, para poderem fazer a sua escolha scientifica entre a abundante pescaria de cada noite.

Todos os comestiveis são muito baratos. Só a lenha e as forragens são caras por causa da aridez que se estende ao longe em toda esta parte da Criméa.

Collocada como se acha, sobre uma gran-

de altura de pedra calcarea, a cidade de Sebastepol tem materiaes de construcção de muito boa qualidade; mas as pedras, naturalmente porosas, exigem ser revestidas d'um inducto, para dar ao exterior dos edificios o aspecto agradavel que se lhes póde desejar.

Quanto ás excellentes pedras de que se

faz uso para a construcção das dokas, tiram-se de um sitio mais afastado, o que não contribue pouco para augmentar a despeza d'estes trabalhos gigantescos. Esta despeza excedia já cinco milhões de rublos; e parecia ainda que havia de chegar a duas vezes mais.

VIAGEM D'ATHENAS A SPARTA

(Conclusão)

Dirigimo-nos a casa d'um grego, agente da companhia das *messageries*; mandaram-se chamar alguns individuos, que alugavam cavallos, por 8 que nós queriamos, achámos logo 20; sómente os proprietarios pediam 30 *dirhems* (3\$600 réis) por cada um dos taes transportes.

Jorge triumphava, prevalecendo a sua opinião de irmos pelos *rapidos* do Eurotas.

Depois de uma hora de discussão, baixaram a 18 *dirhems* (3\$360 réis) que ainda não foram acceitos. Já sobre a praia são-nos feitas novas proposições, e por fim concordámos em 15 *dirhems* (2\$800 réis); sellam-se os cavallos e montámos; n'este momento exigem de nós 25 *dirhems*, apeamo-nos; tiram-se as sellas aos cavallos: toda a aldêa nos rodeia; a policia mette-se no negocio; e nós accetámos o preço que ella fixa; e finalmente partimos. Marchámos durante uma hora ao longo da praia do mar, antes de chegar ás alturas; estas primeiras montanhas, do alto das quaes se domina a bahia de Marathomisi, estão cobertas d'arbustos e de verdura; os grandes freixos, os carvalhos, as alfarrobeiras, as pereiras, e muitas outras arvores, cobrem os valles e as collinas da Laconia, mas a fecundidade da natureza torna-se inutil n'este terreno quasi deshabitado, e no qual não encontravamos senão alguns pastores gregos cobertos de pelles de carneiro, encostados aos seus grandes cajados curvos, e chamando tranquillamente para junto de si os seus grandes cães da Laconia, que ladravam aos nossos ca-

vallos. N'este vasto deserto não achavamos mais habitações do que algumas choupanas formadas de ramos de arvores, e servindo de casa de guarda aos *gendarmes*. As estradas estavam então muito seguras na Morea; e durante a minha habitação na Grecia, os viajantes não tinham que recear senão nos arredores de Thebas e do lado das Thermopylas, onde se tinha estabelecido como *senhor*, o chefe de uma pequena partida, cujas proclamações politicas, que os jornaes tinham o cuidado de repetir, chegavam até Athenas.

Marchámos durante sete horas através das montanhas, quando o nosso guia exclamou: Sparta! Da altura onde estavamos collocados, dominavamos o valle da Laconia, e toda a rica planicie de Lacedemonia. O Taygete coberto de neve e os montes Menalo fechavam á direita e á esquerda este horizon-te tão digno de se admirar; esta immensidade sem bulha e sem vida, que um nome só enche de gloria. Descemos a collina, e parámos para jantar nas margens d'um d'es-les rios, cobertos de platanos e de loureiros rosas que correm pelo valle. A sombra de Lycurgo devia indignar-se d'este banquete de viajante, feito sobre a relva, e regado de Bordeus, de vinho de Chypre e das ilhas; julgo mesmo que no *dessert* insultámos a memoria d'este legislador do caldo negro e da agua pura. A planicie de Sparta, *sedes ubi Sparta*, fertilisada pelos quarenta rios, está muito bem cultivada; um caminho excellentesombreado por duas ordens de amoreiras e d'o-

liveiras a atravessa, e conduz á povoação. Sparta é uma pequena aldéa precedida d'uma praça do lado do valle, e formada de uma só rua muito bem traçada e prolongando-se parallelamente ao Taygete. Alli, como por toda a parte na Grecia, os vendedores de tabaco, e os de especiarias apresentam os seus generos. Estavamos então na Semana Santa; as casas appareciam todas cobertas de fitas, de bandeiras, e de folhagens; todas as lojas estavam cheias de corôas feitas de rolos de cera e papel pintado; por toda a parte flores e verdura; os pastores tinham vindo á aldéa trazendo ás costas, para vender, o cordeiro paschoal, e compradores e vendedores percorriam as ruas, munidos de uma vara comprida e muito aguçada, e que devia servir para assar o cordeiro *a la pali-kare*; é este o espeto primitivo e o assado dos tempos de homero.

Homens e mulheres, com o rosario na mão, repetiam as suas resas, uns em voz alta, outros em voz baixa, fazendo muitas vezes o signal da Cruz; este continuo movimento produzia um effeito singular. Sparta não tem hospedaria nem estalagem, recebemos a hospitalidade em casa do juiz de paz; offereceram-nos uma camara onde deviamos todos passar a noite; serviram-nos café, um cachimbo, e o *graat lou koum*, especie de pastel á turca; toda a mobilia e luxo do nosso quarto consistia em cadeiras de palha e em quatro gravuras francezas coloridas, representando a *Europa*, a *Asia*, a *Africa* e a *America*; começavamos apenas a dormir em as nossas cadeiras de palha, quando recebemos a visita do dono da casa; era um homem muito amavel, fallando o francez muito bem, que trajava um chambre de ramagem, e que se chamava Thucydides. Ao outro dia, ás quatro horas, estavamos a cavallo, e nos dirigiamos, ao nascer do sol, para as ruinas de Sparta, situadas a uma legoa, pouco mais ou menos da moderna Sparta. Dos templos de Minerva Celeutha, de Neptuno Tenarius, de Esculapio, da Terra, de Jupiter Agoreus, de Neptuno Asphalius, de Cesar

e de Augusto, dos porticos dos persas e dos monumentos dos heroes, e dos numerosos theatros, não resta mais do que o muro mal conservado d'um circo, algumas pedras, e duas ou tres columnas! Depois de ter andado sem nos apearmos no meio d'estes vestigios de um poder que já passou, dirigimo-nos por um bello caminho ao longo de um rio, onde estão algumas fazendas e moinhos, ao tumulo de Leonidas; acceito de boa vontade sem a minima contestação estas tradições populares que reúnem assim as cinzas dos heroes ás ruinas dos paizes que elles tem feito grandes e gloriosos. Um quarto de hora depois, estavamos em Mistra, construida sobre as vertentes do Taygete.

Os principes francezes da Morea elevaram em 1207 o castello forte que coroa a Acropolis d'esta pequena cidade, reunião confusa do genero oriental, grego e italiano; depois de ter descansado junto da nascente que, caindo da montanha, fórma o rio Pandeleimona, tornámos a tomar o caminho da vespera e dirigimo-nos a Helos, seguindo o Eurotas; a jornada pareceu-nos um pouco comprida, porque estavamos ainda a cavallo ás oito horas da noite, depois de quinze horas de caminho. Chegando ao valle de Gythium, os nossos cavallos, quasi no fim da jornada, não poderam mais; abandonei o meu a um quarto de legoa de Marathonisi, e descancei sobre a praia, junto de um sarcophago romano, de epocha muito antiga, que estava servindo de base a um moinho de vento semelhante aos da Hollanda; o *Pericles* que devia receber-nos a bordo ainda se demorava; esperavamol-o com algum cuidado, porque as nossas provisões estavam quasi esgotadas; procuravamos avistar ao longe o fumo, e como as Troianas de virgilio, fitavamos no mar as nossas vistas cheias de tristeza, quando elle appareceu finalmente por traz da pequena ilha de Migonium onde teve logar a primeira entrevista de Helena e de Paris; entrámos para bordo, e trinta horas depois estavamos de volta em Athenas.





O deserto.

FAZ-SE uma idéa muito falsa do que é o deserto; sob esta vaga denominação estamos costumados a figurar areias movediças, onde os pés se enterram a cada passo, onde o vento redemoinha sem cessar, onde o calor vos suffoca, onde a vista se perde n'um horisonte sem limites. A nossa imaginação assusta-se em geral das solidões, e povoa estas planicies immensas de uma multidão de animaes ferozes, taes como as hyenas, os leões, os tigres e os chacaes devorando as innocentes gazellas; os crocodilos devorando homens inteiros, mesmo armados de ponto em branco. No entanto podeis tranquillisar-vos, o deserto é menos espantoso do que isso, e os animaes ferozes não são felizmente em tão grande abundancia como o dão a entender as narrações de certos viajantes. As senhoras da Europa, que habitam as cidades de primeira ordem (taes como Alexandria ou o Cairo) atrevem-se muitas vezes a dar o seu passeio pelo deserto, com a sombrinha na mão, e acompanhadas do seu pequeno *sais* (especie de jockey) que tem o

cuidado de as ajudar a subir para a sella e a apearem-se, e que regula, correndo ao pé d'ellas, o passo mais ou menos rapido da gibosa cavalgadura.

O equipamento que damos em a nossa gravura é o de um dromedario honrado com este emprego; a sella é de marroquim de diversas côres, guarnecido e cravejado de pequenos pregos dourados; as borlas e testeira da cabeça e mais enfeites são de lã de diversas côres. Os corrieiros orientaes apuram-se muito nas obras d'este genero, que chegam até ás vezes a enfeitar com bordados de seda e ouro. Acharam o meio de fazer esquecer por estes bellos apuros de ornamento a fealdade quasi invencivel do camello. A docilidade d'estes animaes faz d'elles uma especie de cavalgadura mui commoda para as senhoras do Oriente; os mais estimados são os brancos e de grandeza media, tem o pello mui macio e pôde dizer-se mesmo, se tal phrase é permittida, uma certa elegancia. O seu preço varia de 500 a 1,200 francos (de 100 a 240,000 réis). No Oriente ha

amadores de dromedarios, como entre nós ha amadores de cavallos.

Passemos agora do *navio do deserto* ao proprio deserto. Este não tem de insupportavel mais do que o seu calor no meio do dia, porque as noites são de uma frescura deliciosa e de uma pureza sem igual. A areia é tão fina como a das mais bellas praias do Mediterraneo; os pés não se enterram n'ella, ha mesmo alguns logares onde a superficie é resistente. A côr d'esta areia atira ordinariamente para amarello escuro, e algumas vezes apparece mais sobre o escuro, conforme os reflexos do ceu nas differentes horas do dia. A vista não tem grandes horisontes, especialmente nas porções mais onduladas, que são as que se encontram frequentemente; só as planicies do sul que se encontram no *Delta* é que apresentam horisontes um pouco mais extensos, e parecem cobertas de uma camada de neve, que causa tanta mais admiração ao viajante, quanto é certo que debaixo das patas do camello parte-se e resôa como se effectivamente fosse gêlo.

A configuração mais geral do terreno é muito semelhante á do mar agitado pelas ondas; os monticulos de areia succedem varios outros; a cada ondulação espera-se um novo ponto de vista, mas é sempre o mesmo. A unica variedade que se pôde notar ás vezes é a apparição de um malto sêcco e rasteiro, ou a do esqueleto de algum animal morto, d'onde revoam, ao approximar-se o viajante, bandos de corvos ou de abutres.

A voz do homem tem aqui pouco echo; as caravanas fazem pouca bulha durante a jornada; cada viajante abandona-se descuidosamente ao passo da sua cavalgadura; começa-se a jornada duas ou tres horas antes do dia, e não se faz alto senão quando o calor, que successivamente vae crescendo, se torna tão oppressivo que nem forças ha para fallar ao companheiro, nem mesmo para levantar os braços para beber a agua morna e fetida que vem nos odres. É então que se pára para armar as barracas e procurar debaixo d'ellas um refugio contra os ardores do sol. Escolhem-se ordinariamente as passa-

gens profundas onde crescem algumas palmeiras em volta de uma pouca de agua; ao approximarem-se a ella, os camellos que a presentem a uma grande distancia, tomam um passo mais rapido, e dirigem-se para ella direitos como uma setta; seria difficil e impossivel até o querer fazel-os parar. Chegados á fonte, ás vezes de agua salobra e suja, entram n'ella, se podem, e bebem com a maior delicia. Vós mesmo, leitor, que em vossa casa tendes o maior cuidado de olhar para o copo, para ver se a agua está d'uma clareza a toda a prova, alli havieis prescindir de escrupulos; porieis pé em terra, e, imitando o hom do Diogenes, que attendendo ás excellentes mãos que tinha, deitou fóra o copo, irieis bebendo pelo mesmo methodo aquelle liquido um tanto escuro e á primeira vista pouco agradavel, mas que tem o adubo de *vir muito a proposito*.

Ao pôr do sol os arabes param outra vez para armar de novo as suas tendas, para o que escolhem um logar quanto possivel abrigado para que os fogos que tem de accender os não denunciem aos seus inimigos ou para melhor dizer aos seus semelhantes.

Os camellos desalbardados, e os cavallos desapparelhados, apenas com os pés peiados, andam á roda das barracas; os arabes cortam algum malto, e assentados em volta do fogo que accendem, entregam-se ao prazer da conversa, do café e do cachimbo.

Os dromedarios com a barriga cheia e opprimidos pelo cansaço, deitam-se, formando uma especie de muralha em torno das barracas. É então que o arabe, que durante o dia traz apenas uma camisa de lã branca, começa a cobrir-se com os vestidos de inverno; as suas armas servem-lhe de travesseiro, um pedaço de tapete velho serve-lhe de leito, e, tapando os olhos, precaução indispensavel para a ophtalmia, adormece.

Quanto aos animaes ferozes, ouvem-se ás vezes de noite os gritos dos chacaes que andam aos bandos, ou das hyenas a que os arabes tem a prudencia de deitar a alguma distancia no campo restos de animaes, ou alguns ossos que poderam apanhar no caminho.



BIOGRAPHIA.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

Não tentamos aqui nem o esboço de um ensaio biographico. O assumpto requeria mais, e o espaço de que dispomos não o permite.

Limitar-nos-hemos, pois, a offerecer algumas noticias, e reservaremos para occasião propria o estudo desenvolvido, que pede o grande nome do principe dos nossos poetas modernos, do maior cantor que depois de Camões honrou a lyra portugueza.

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, visconde de Almeida Garrett, par do reino, juiz do tribunal do commercio de segunda instancia, vogal do conselho ultramarino, do conselho de Sua Magestade Fidelissima a Rainha D. Maria II, e seu ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros, nasceu na cidade do Porto a 4 de fevereiro de 1798.

Foram seus paes, Antonio Bernardo da Silva Garrett, fidalgo cavalleiro da casa real, e D. Anna Augusta de Almeida Leitão, senhora de virtudes, filha de uma rica e honrada familia de negociantes, estabelecidos na mesma cidade.

O talento de Garrett, como o de Bocage, amanheceu na infancia; e os cuidados de uma esmerada educação, nada pouparam para o robustecer e formar.

A invasão franceza encontrou o poeta ainda quasi ao sair do berço, e desde os primeiros annos rompeu logo para elle a quadra tormentosa, que em toda a sua vida o havia de acompanhar.

Tomado o Porto pelas armas de Napoleão em 1809, acolheu-se a Lisboa a familia de Almeida Garrett, d'onde passou á ilha Terceira, asylo mais seguro contra as vicissitudes dos tempos.

Nos Açores achou o poeta aquillo de que mais podia carecer o seu engenho raro e precoce — um amigo, e um mestre. Seu tio Fr. Alexandre da Sagrada Familia, bispo resignatario de Malaca, desvanecido com as luzes intellectuaes, que madrugavam no mancebo, propoz-se aperfeiçoal-as, servindo-lhe de guia nos estudos, que lhe proporcionaram a familiaridade dos primeiros classicos.

Occupado assim na conversação das musas gregas e romanas, chegou o poeta á adolescencia, e vagando a mitra de Angra, recaiu a escolha em D. Alexandre, da Sagrada Familia.

Ligado á igreja, por sentimentos e posição, desejou o bispo attrahir a ella, e separar dos tumultos do seculo, o talento eminentemente, que admirava no sobrinho. Alcançou-lhe um dos beneficios da ordem de Christo; fez-lhe tomar ordens menores, e dispoz tudo para que, professando n'aquella religiosa milicia, viesse a seguir o estado ecclesiastico, a despeito da sua pouca vocação.

Entrando, porém, o anno de 1816, e frequentando já Garrett o curso juridico da Universidade de Coimbra, renunciou o beneficio, e applicou-se com empenho á carreira civil.

No estudo do direito, o mancebo não desmentiu as boas esperanças, que tinha dado sempre. Coursou com exemplar assiduidade, e fez acto do primeiro anno com summa distincção. Não sendo premiado, como esperava, e offendido pela injustiça, no seguinte anno foi matricular-se na faculdade de mathematica e philosophia.

Entretanto os conselhos e diligencias paternas conseguiram dobrar-lhe a resolução, e restituil-o ao estudo das sciencias juridicas.

Coimbra, que tantas vezes viu abrir os primeiros sorrisos das musas nos maiores engenheiros, colhendo as suas primicias, gozou-se com Garrett do mesmo privilegio. Entre os salgueiros do Mondego, e na formosa primavera dos seus campos, desceu a inspiração a sagrar o novo vate; — junto de um tumulto é que o seu genio, como o de Zorilla, se denunciou vigoroso aos que não o conheciam ainda.

A composição elegiaca, dedicada á morte do Dr. Fortuna, logo patenteou os poderes do cantor, que mais tarde, poeta da revolução, e da nova idade, havia de arvorar o estandarte da renascença christã sobre os mais bellos monumentos da invenção moderna.

D'ahi em diante seguiram-se os ensaios,



VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

que sempre accusam as primeiras incertezas do talento — e as suas perplexidades.

Uma decidida vocação attrahia-o para o genero dramatico, antes de lhe accenar com a palma do poema elegiaco, e do romance poetico. O futuro cantor de *D. Branca*, de *Adozinda*, e de *Camões* principiou por experimentar as forças, escrevendo uma tragedia de *Xerxes*, de que nada resta; e, continuando a cultivar o theatro, compoz em 1819 a sua *Lucrecia*, representada pelos estudantes, na scena academica de Coimbra.

Ambas estas peças mostram que antes de se emancipar dos preceitos velhos, e de proclamar a liberdade da arte, Garrett começou como erudito e notavel imitador das musas classicas.

No meio da applicação do curso, e das distracções litterarias, com que temperava o rigor aos estudos juridicos, veiu a revolução de 1820. Moço, entusiasta e crente, Garrett consagrou logo d'alli ás modernas idéas politicas a dedicação com que sempre as serviu, e os primeiros cantos lyricos da sua musa.

A ode, que recitou na sala dos capellos da Universidade, foi o seu primeiro passo fóra do trilho classico — e o *Retrato de Venus*, publicado em 1821, e escripto aos dezeseite annos de idade, se ainda o não separa dos *aureos numes de Ascreu*, elevando-o ao ideal e á doce melancolia da poesia christã e nacional, póde reputar-se uma hesitação mal sentida, mas já formulada, entre o poema arcadico e o devaneio romanesco. Os moldes são ainda os antigos; mas o pensamento já lucta apertado n'elles.

D'esse tempo devem ser outras tentativas dramaticas, de que nos falla no prologo da sua *Merope*, e de que sobreviveriam apenas fragmentos.

Riscou, e chegou a encetar (diz elle) *meio* Affonso de Albuquerque, *um quarto* de Sophonisba, e uma *Atala* quasi toda.

É de suppor que a sua conversação com o primor de Chateaubriand, d'onde tirava o assumpto, e com a poesia festiva e quasi cosmopolita do bom Filinto Elysio, lhe acordasse n'alma o amor da independencia litteraria, concorrendo para o chamar á arena, em que brilhavam os Goethes, os Schillers, os Byrons e os Walter Scotts.

A tragedia de Catão, representada a primeira vez no theatro do Bairro-Alto de Lisboa, por uma sociedade de curiosos, em 29 de selembro de 1821, parece ter sido a sua despedida ás unidades classicas.

Em 1826, seguindo o exemplo de Wiel-

dand no *Oberon*, e empregando o maravilhoso das fabulas e crenças populares, Garrett publica o seu poema de *D. Branca, ou a conquista do Algarve*, encobrendo-se com o nome de Filinto, cujas iniciaes estampa no frontispicio.

O bello poema de *Camões* tinha já tido antes em Paris a sua primeira edição no anno de 1825; e no de 1828 apparecia finalmente a *Adozinda*, precedida de uma carta ao sr. Duarte Leça, em que o auctor abertamente confessava a religião poetica de Scott, de Byron e da eschola allemã.

O resto da carreira litteraria de Almeida Garrett, tão coroada de triumphos, e tão fecunda em primores admirados, é dos nossos dias, e todos podêmos dar noticia d'ella.

Orador sublime, vive na memoria dos que applaudiram os seus discursos, dourados de um reflexo da inspiração d'Athenas.

Poeta dramatico, o *Auto de Gil Vicente*, *A Sobrinha do Marquez*, e sobre tudo *Fr. Luiz de Sousa*, grangearam-lhe a palma de restaurador da scena, e no juizo de sisudos criticos estrangeiros, a opinião de escriptor original, e a muitos respeitos inimitavel.

Nas obras lyricas — *João Mínimo* — *As Flores sem fructo* — e mais que tudo, nas *Folhas caídas* quem o excede em mimo, em delicadezas de phrases e de pensamentos, e em colorido fino e transparente?

No seu romance do *Arco de Sant'Anna*, tratado com desafogo, no gosto mais popular e engraçado, a chronica-romance da meia idade mostra todo o enlevo, que póde ter, quando um pincel habil distribue as côres e colloca as figuras.

Enfim, o *Livro das Viagens*, a nosso ver, aquelle em que mais brilham e se provam todos os raros dotes de estilo de Almeida Garrett, não conhece competidor nas outras linguas, avantajando-se á preconizada viagem sentimental de Sterne, e ás satyricas, mas um pouco forçadas paginas de Xavier de Maistre.

Garrett, pela variedade dos seus escriptos, e pelo seu gosto maravilhoso em escolher os assumptos nacionaes, vestindo-os de fórmãs portuguezas, não é só um auctor, mas uma litteratura.

O logar, que fica vago nas letras com a sua morte, e que desde *Camões* ainda ninguem tinha occupado, largos annos hão de passar antes que seja preenchido. Poetas d'este vulto reinam sós, e nunca deixam herdeiro.

R. S.

POMPEIA.

POMPEIA é uma das maiores curiosidades do mundo. — É a única coisa conservada intacta na terra ha 1800 annos, e esta coisa é uma cidade inteira que sacudiu nos nossos dias as cinzas do volcão, debaixo das quaes se achava sepultada. — Acordou do seu longo somno e appareceu com todo o seu esplendor á viva luz do ceo napolitano. — Depois da sua noite secular, o sol aqueceu de novo o pavimento das suas praças, illuminou as columnas dos seus edificios, estendeu a mesma luz e as mesmas sombras que estendia no tempo da vida d'essa cidade, que deixa hoje cair a sua mortalha de lavas sobre as cinzas dos seus antigos habitantes. — Hoje esta cidade acha-se patente á curiosidade universal. — Podem percorrer-se as ruas, atravessar as praças, entrar nos templos, nos theatros, nas lojas; e sem medo dos cães, presos ao pé do porteiro, preso tambem muitas vezes como elles, passar os umbraes d'este ou d'aquelle cidadão de Pompeia, cujo nome se lê ao lado da porta, entrar na sala, na casa de jantar, nos quartos mais recatados e intimos da sua habitação, e examinar as estatuas e as pinturas. — Nesta visita maravilhosa, as noções do tempo apagam-se perante a fascinação das recordações, esquece-se a epocha a que pertencemos; tornâmo-nos contemporaneos dos dois Plinios, de Tacito. . . e de todas as notabilidades provinciaes de Pompeia, e a illusão é tão viva, tão presente, que chegâmos a imaginar que é preciso visitar depressa os aposentos abandonados momentaneamente por seus donos, antes que elles cheguem. — Pompeia, situada a 14 kilometros de Napoles, e a 7, em linha recta, da cratera do Vesuvio, era construida ao pé do mar n'uma eminencia formada por antigas correntes de lava. — Devia ser muitas vezes agitada pelos tremores de terra, em consequencia da sua posição n'um terreno tão ameaçado. — Seneca falla do do anno 63 que arruinou esta cidade. — «Herculanum, accrescenta elle, foi tambem destruida em parte, e o que d'ella resta não está muito seguro.» — Estava-o tão pouco, que dezeseis annos depois, em 79, foi completamente sepultada

por uma erupção imprevista do Vesuvio; porque era então, havia muito tempo, um volcão extincto, e por tal modo extincto que Spartaco, seculo e meio antes, tinha achado na cratera um asylo seguro com 70 dos seus companheiros. — A erupção que enguliu Herculanum e Pompeia, matou Plinio, o antigo, por soffocação, e a lembrança da sua morte perpetuou-se, ao passo que se perdeu a idéa dos nomes e da situação das duas cidades. Uma carta de Plinio, o moço, transmittiu-nos a memoria dos últimos momentos de seu tio, que tinha ido socorrer alguns amigos. — Elle, que não tinha então mais de dozoito annos, recusou acompanhar seu tio, por causa dos seus estudos; estava além d'isso ao pé de sua mãe, e, ao tempo que se sentiam os mais fortes abalos do tremor de terra, lia Tito Livio de que fazia extractos. — Devia ser um excellente alumno de rethorica! — Escreveu depois o panegyrico de Trajano.

Mas em quanto fazia extractos de Tito Livio, na habitação de seu tio, perto do cabo de Mium, a algumas legoas de distancia, a pobre cidade de Pompeia desaparecia quasi debaixo de uma chuva de cinzas em braza e de torrentes, não de lava, mas de lama, em consequencia da massa enorme de vapores arrojados primeiro e depois condensados na atmosphera, a uma altura de tres mil metros ou mais ainda. — Os habitantes de Pompeia gostavam dos espectaculos.

Por occasião da erupção achavam-se no amphitheatro em numero de quinze a vinte mil, e parece que os primeiros abalos lhes não deram muito cuidado. — É preciso confessar que estavam já costumados a esta especie de aventuras. — Já pelo tremor de terra de 63, quando se fez sentir, estava Nero para cantar a sua aria favorita no theatro de Napoles. — Os imperadores cantavam n'aquelle tempo. — Não quiz deixar a scena sem terminar. — Tornemos porém á gente de Pompeia. Achava-se em numero de quinze a vinte mil no amphitheatro, n'um sitio elevado da cidade e proximo das muralhas. — Foi uma fortuna para elles, porque poderam fugir para os campos. — Só assim se explica o pequeno numero de esqueletos que se tem encontrado.

Os habitantes que escaparam ao sinistro edificaram uma nova Pompeia pouco mais acima. Esta, tres ou quatro seculos depois, foi completamente sepultada, e Deus sabe onde ella existe a estas horas! Depois d'isto, ninguem mais fallou de Pompeia, e tão esquecida veiu a ser, que em 1592 o celebre architecto Domenico Fontana, encarregado de um encanamento de aguas para a Torre del'Annunziata, abriu um canal através do logar em que foi situada a antiga cidade, do seu forum, do templo de Venus. . . e não viu nada, ou se viu alguma coisa não lhe deu isso cuidado. Era ainda assim um homem de intelligencia. — Em 1758 uns pobres trabalhadores tiveram que abrir uma cova n'aquelles sitios. Acharam alguns objectos d'arte; o rei de Napoles, a cujo conhecimento chegou esta noticia, mandou proseguir as escavações, e Pompeia tornou a ver a luz do dia: *habent sua fata!*

Os archeologos e os artistas caíram em cima d'este campo precioso, para ser explorado. Publicaram-se obras volumosas e magnificas, que fizeram conhecer ao mundo as preciosidades monumentaes e artisticas da cidade resuscitada. Mas mesmo por causa da sua magnificencia é que não podem entrar senão n'essas bibliothecas privilegiadas, em consequencia dos seus avultados preços. Os extractos seguintes são tirados porém de uma obrasinha de Mr. Ernest Breton, que é hoje, apesar da modicidade do preço, a unica publicação verdadeiramente completa acerca de Pompeia.

Entra-se ordinariamente n'aquella cidade pelo lado da estação do caminho de ferro, que vae de Napoles a Nocera; mas a bella entrada monumental de Pompeia é pela porta do Herculanium e pela rua dos Tumulos que a precede, assim chamada pelos monumentos funebres de que é guarnecida de ambos os lados, e que não tem comtudo nada de triste, porque os antigos faziam quanto podiam para lançar um veu sobre a idéa horrivel da morte. Um dos tumulos, por exemplo, consiste em uma sala de jantar ornada com pinturas; alli serviam aos pobres defuntos uma especie de refeição que era provavelmente comida pelos vivos. Dois outros, perto da porta da entrada, manifestando uma attenção benevola para com aquelles que passavam, offercem uma meia laranja guarnecida de bancos, em que se póde descansar antes de entrar na cidade; perto d'esta meia laranja, havia uma *villa* de Cicero, em que se acharam mosaicos muito curiosos.

A grande curiosidade d'esta parte da ci-

dade é a *villa de Diomedes*, uma das mais vastas habitações de Pompeia, com um jardim rodeado de porticos, debaixo dos quaes se descobriram celleiros cheios de amphoras de vinho. A erupção foi pelo tempo da vindima. Encontraram-se n'estes celleiros os esqueletos de 17 pessoas que n'elles iam procurar refugio, e que ficaram sepultadas n'uma cinza fina, que se amoldou perfeitamente aos corpos. Infelizmente só muito tarde é que se deu pela perfeição d'estas fórmulas singulares, que reproduziam as prégas mais ligeiras das roupas; se não fosse isto, poderiam ter-se feito as estatuas d'aquellas diversas victimas moldadas do natural. Um só fragmento d'este genero existe no museu de Napoles; conserva a fórma admiravel do seio de uma mulher, enfeitado com joias de ouro muito bem trabalhadas, que são hoje um dos ornamentos do mesmo museu.

Antes de passar a porta da cidade, vê-se à esquerda um nicho funebre, que alguns pretendem assisadamente ser uma guarita. O caso é que se acha n'elle o esqueleto do soldado que estava de sentinella, e que fiel ao seu dever, procurou alli abrigo, em logar de fugir com os outros habitantes. Tinha a viseira callada e a lança ainda segura na sua mão do esqueleto. Existe hoje no museu de Napoles.

Sem nos determos a examinar a porta, entremos nas ruas estreitas e completamente desentulhadas d'esta cidade antiga; são calçadas com lages irregulares de lava, em que se vêem ainda vestigios dos ultimos carros que por ellas passaram, e guarnecidas de passeios elevados, algumas vezes tendo no meio da rua uma pedra cubica, que era destinada para facilitar a passagem de um lado para o outro, quando chovia. A maior parte das ruas são ornadas de fontes. Por traz de uma d'estas fontes, construida no ponto em que se cruzam duas ruas, e coroadada por uma aguia, existe uma taberna chamada de Fortunata, segundo a inscripção, é um *thermopolium*, ou uma venda de bebidas quentes; vinho, hydromel, etc., em uma palavra o que chamamos hoje um café. Não devemos admirar-nos de a ver, apesar de já muito pequena, obstruida por fornos e balcões. Os consumidores d'então não iam, como os de hoje, passar horas inteiras no interior d'estes estabelecimentos; bebiam em cima do balcão. Acontecia o mesmo em todas as outras lojas, o vendedor era o unico que estava de dentro; os freguezes ficavam da parte de fóra. As taboletas tambem se usavam em Pompeia. Um taberneiro dá-se

conhecer por meio de taboleta em que estão representados dois homens conduzindo uma amphora pendurada n'um pau, que levam aos hombros. Um mestre eschola attrahia a attenção com o desenho de um padagogo, acoitando muito bem acoitado um rapaz montado nos hombros de outro. Parece que esta maneira pouco animadora de tratar as crianças, não dava grande cuidado á sensibilidade das mães.

A divisa de outro, chamado Valentinus, oferece uma singularidade digna de notar-se. Havia ao canto do forum uma eschola publica, dirigida por Verna, o qual, segundo o uso quasi geral de todos os habitantes de Pompeia com estabelecimentos, se colloca debaixo da protecção do magistrado, assim como os seus discipulos (*cum discentibus suis*). Valentinus, querendo fazer-lhe guerra, foi *annunciar-se* mesmo defronte da eschola de Verna, sobre uma parede branca, que era destinada a receber os actos publicos e os annuncios particulares, e que se chamava *album*. Não deixa de invocar tambem para si

e para os seus alumnos a protecção dos magistrados. Mas, se está em regra para com a auctoridade municipal, não lhe succede porém o mesmo para com a syntaxe: escreve *cum discentes suas*, em vez de: — *cum discentibus suis*. Aqui está um solecismo que vota um nome á immortalidade! Seria tambem possivel que as honras do solecismo pertençam ao pintor de taboletas, que não eram mais fortes em orthographia do que os do nosso tempo. Eis-aqui outro exemplo! O mestre de uma eschola de gladiadores, para pôr o seu rotulo ao abrigo dos insultos dos *garotos* de Pompeia, escreve ao lado estas palavras: *Abiat (habeat) Venere Pompeiana iradam qui hoc læserit*. (Tenha que se haver com a colera de Venus, protectora de Pompeia, quem fizer mal a esta taboleta). Em certos logares, os symbolos religiosos equivalem a uma prohibição de os tocar: taes são, por exemplo, as duas serpentes do pequeno altar de Jupiter. Isto era mais elegante e até mesmo mais efficaz.

(*Concluir-se-ha.*)





O pedreiro de Granada.

VIVIA nos antigos tempos, n'um miseravel pardieiro da cidade de Granada, um pedreiro, muito laborioso, mas ainda mais devoto. O nosso homem venerava todas as festas prescriptas pela Santa Igreja Catholica: mas apesar da sua devoção exemplar, ou talvez mesmo por causa d'ella, custava-lhe muito a arranjar a vida, e chegou, por seu mal, a cair em tão grande miseria, que sua numerosa familia passava dias inteiros sem ter ao menos um bocado de pão para matar a fome.

Uma noite que, sob o pezo das suas tristes reflexões, acabava de se deixar cair n'um doloroso somno, a porta do seu alvergue foi abalada tres vezes por uma mão secca e rude. — O pedreiro ergueu se, resmungando contra o importuno que vinha perturbar-lhe o seu repouso, unico thesouro que lhe restava. — Quando abriu a porta, um frade de alta estatura, de olhar sombrio, de rosto pallido e magro, lhe appareceu diante ao clarão da lua.

— Meu filho, disse o servo de Deus, sei que és um christão cheio de fé e de uma virtude á prova; venho dar-te a recompensa. Pega na ferramenta do teu officio e segue-me; tenho trabalho urgente para te dar a fazer.

— Ás vossas ordens, meu reverendo, respondeu o pedreiro; estou sempre prompto para trabalhar, e não me queixo senão dos maus salarios.

— Serás bem pago d'esta vez; mas antes de partir é preciso que te ponha uma venda nos olhos.

— Se isso é necessario, não digo que não, uma vez que me deis o braço para me guiar.

— Silencio! E livra-te agora de me interrogar, succeda o que succeder.

A estas palavras o frade tapou os olhos do pedreiro, e começou a andar com passo rapido. Depois de muitas voltas chegaram á porta de uma habitação. O frade fez ceder uma molla occulta, a porta chiou nos gonzos, como se não tivesse sido aberta ha muito tempo; fez entrar o pedreiro atraz de si, fechou a porta com todo o cuidado, sem se esquecer de correr ferrolhos enormes, e conduziu o seu companheiro através de galerias muito espaçosas, até ao centro do edificio.

Ao chegar alli, o frade descobriu os olhos do pobre operario.

Achavam-se n'um pateo estreito, allumiado pelos reflexos tremulos de uma pequena lampada. O centro do pateo era occupado por uma fonte, cujo tanque sêcco continha uma grande porção de tijolos e de cimento promptos para servir. O pedreiro recebeu ordem para construir um subterraneo debaixo da fonte; passou a noite a trabalhar; mas o dia ia surprehendel-o antes de ter concluido a obra, quando o frade lhe fez signal para parar; e depois de lhe ter novamente vendado os olhos, metteu-lhe na mão uma peça de ouro, e conduziu-o a casa.

Na noite immediata, á mesma hora, o frade tornou a apparecer.

— Estás disposto o continuar o teu trabalho? perguntou elle ao canteiro.

— Sim, meu reverendo, respondeu o pobre homem, apesar do grande medo que tive a noite passada, no tal casarão a que me conduzistes.

— E queres lá voltar pelo mesmo preço e com as mesmas condições?

— Estou prompto para vos seguir.

Quando o subterraneo se achou prompto, o frade disse ao operario:

— É preciso agora que me ajudes a trazer

para aqui o que deve ficar sepultado n'este lugar.

O pobre pedreiro começou a tremer como varas verdes; mas não ousou dizer uma palavra, e a um signal do frade, cujo rosto era impassivel, seguiu-o até um aposento afastado, aonde o desgraçado esperava achar-se, pelo menos, em frente de cadaveres.

É facil avaliar o allivio que elle experimentou ao vêr por unica mobilia no quarto fatal, quatro grandes vasos de barro, cheios, até á altura de um homem, de peças de ouro e de prata amoadada. Ajudou o frade a transportal-os para o vão que tinha feito. Terminada esta tarefa, recebeu ordem de pôr o fecho na abobeda; depois o frade tapou-lhe ainda uma vez os olhos, e levou-o por um caminho differente para o campo. Depois de um largo passeio, fez assentar o operario n'uma pedra, metteu-lhe duas peças de ouro na mão, e disse-lhe: — Deixa-te ficar aqui, sem tirar a venda até que os sinos da igreja proxima toquem a matinas, e pobre de ti se dizes uma só palavra do que te aconteceu.

O pobre pedreiro, cheio de medo, ficou mudo e contou os passos do frade que se afastava. Depois, para passar o tempo, poz-se a fazer tinir nas mãos as duas peças que recebera. Este som agradável serviu-lhe de distracção até que ouviu o do sino que tocava a matinas.

Destapou os olhos, e olhou á roda de si; estava só, o sol ia a nascer, e o Xenil reflectia as primeiras côres do romper do dia. O nosso homem poz-se a caminho de casa.

As tres peças de ouro pareciam-lhe um thesouro inexgotavel. Em quanto duraram passou boa vida, em lugar de deixar ficar alguma cousa de reserva para os maus dias. A sua prodigalidade lançou-o enfim na mesma miseria.

Quando se viu mais pobre que nunca, lembrou-se do generoso frade, e começou a resar com mais feivor que d'antes, esperando que o ceu, movido pela sua devoção, lhe enviasse dentro em pouco egual fortuna; apesar d'isto nada chegava. Os filhos cresceram rachiticos, n-agros, amarellos como verdadeiros bohemios, graças á miseria que os privava de tudo.

Uma tarde que o pobre do homem, assentado á porta da sua miseravel barraca, scismava no grande successo que lhe trouxera as tres louras, viu vir direito a elle um pequeno velhinho conhecido em Granada tanto pela sua avaresa, como por sua immensa riqueza.

O velho, deitando-lhe uns olhos vesgos, disse-lhe com uma voz de canna-rachada, que tratava de fazer insinuante:

— Disseram-me, mestre preguiçoso, que ereis tão pobre e miseravel como o santo homem Job, de esfarrapada memoria.

— Tal como muito bem dizeis, senhor; quanto porém a *preguiçoso*, é defeito que, graças a Deus, não tenho, mas no tempo presente as obras são raras, e quando não ha que fazer é difficil que os desgraçados como eu tenham pão todos os dias.

— Ainda bem, replicou o velho; á vista d'isso, não se te daria de achar em que ganhar algumas pecetas?

— Basta dizer-me o que quereis, exclamou o pedreiro, levantando-se para ir buscar a ferramenta.

— Pois bem, proseguiu o velho, eu posuo uma antiga casa que está a cair de velha, que me deita a perder com concertos, e para onde ninguem quer ir morar, com o miseravel pretexto de que ameaça vir ao chão. Para desmentir formalmente estes inquilinos imbecis, quero que ella se conserve de pé em quanto eu viver; depois de eu fechar o olho, queira Deus que ella lhes caia na cabeça para os recompensar de me terem abandonado! Vinde por tanto vê-la, e ficae sabendo, primeiro que tudo, que eu o que quero é gastar o menos que for possível! . . .

Dizendo isto, conduziu o pedreiro a um casarão, cuja frente, toda esburacada, inspirava muito pouca confiança. Entraram e percorreram os diferentes quartos que o compunham. O quarto interior tinha no centro uma fonte, cujo tanque estava secco. . . A este aspecto o pobre operario pôz-se a scismar; consultou a sua memoria, e não podendo, apesar de tudo, decidir coisa nenhuma, perguntou ao velho, para se tirar de duvidas, quem tinha morado ultimamente na casa.

— Ah! quanto a esse sugeito, possa o cão tihoso estrangulal-o no fundo do inferno! Vá lá, fallemos no tal meliante do meu ultimo inquilino. Era um frade estrangeiro, já velho, que recebia de todos, que em quanto viveu não deu uma unica esmola, e que morreu, deixando por testamento todos os seus bens á igreja. Se aquelle birbante não dispozesse senão do seu, meio mal, porque os veneraveis servos de Deus não lhe acharam em casa senão uma enxerga velha, e alguns ducados ferrugentos e envergonhados do seu captiveiro n'uma bolsa immunda de couro. Mas o peor é que o desespero dos seus confrades, que se viram logrados, lhe deu a alma ao demonio, que todas as noites a faz

dançar aqui um baile infernal, que tarde ou cedo ha de acabar de pregar em terra com a minha pobre casa. Tem-me dito, porque eu, pelo sim pelo não, não estive para verificar o facto, tem-me dito que pela volta da meia noite se ouve assim como um tinir de metal, no quarto onde dormia o frade, como se elle viesse a este mundo contar os thesouros que surripiou á igreja, e accrescentam que, no paleo pequeno, ás mesmas horas, são ais e gemidos de fazer arripiar os cabellos na cabeça. Ora meu amigo, seja lá o que que fôr, de todas estas historias de que nem vós nem eu entenderiamos nada, o que é verdade é que a minha casa não se alluga, e que eu de certo morro de paixão.

O pedreiro, ouvindo esta narração, coçava a barba com ar pensativo e serio.

— Ora escutae, meu digno senhor, disse elle ao avarento, pareceis-me um d'estes homens raros por quem todos desejariam sacrificar-se; pois bem, sinto-me disposto a correr os perigos de emprehender pôr fóra da vossa casa o hospede indiscreto que se atreve a querer fazer d'ella o seu purgatorio, sem vossa permissão. Se me quereis conceder sómente um alojamento gratuito, um cantinho bem humilde nas lojas, passarei todas as noites em orações ferventes, que hão de socegar a alma do velho religioso, que Deus contemple na sua piedade e misericordia

— O que! meu amigo, pois ousareis. . .

— Tudo para vos obsequiar, meu caro senhor, porque tendes a reputação de um homem bemfazejo, e me haveis de dar tambem de certo algumas pecetas para comprar pão para os meus filhinhos. A fome, senhor, essa é que é o verdadeiro demonio que atormenta os pobres como eu; e quando se trata de trabalhar para a satisfazer, não teria medo de brigar com o proprio Satanaz, quando elle me apparecesse debaixo da fórmula de uma bolsa bem recheadinha.

O velho aceitou o offerecimento do pedreiro, e alojou-o em pessoa na casa deserta; trabalhava todo o dia nos concertos, por um salario modico. Ninguem sabe o que elle fazia de noite; mas pouco a pouco, as fantasmas que lá appareciam se foram ausentando, até que desapareceram de todo; ninguem mais ouviu fallar em tinir de dinheiro no quarto do defunto; mas o pedreiro comprou calções novos, uma famosa capa, e guarneceu a sua casa de tudo o que lhe faltava. Fez-se soberbo e não quiz trabalhar mais. O velho estava pasmado, e desconfiado de algum novo pacto com o demonio; denunciou o seu operario indocil á inquisi-

ção; mas ha meios de se fazerem as pazes com o ceo, como diz o poeta; o pedreiro fez as pazes com as santas almas do santo officio, mediante uma honesta transacção que socegou a sua consciencia, e veiu a ser, patrocinado pelo clero, o homem mais rico de Granada.

Seus filhos, que haviam de ser os seus her-

deiros, morreram durante a sua vida uns depois dos outros, e o mais naturalmente possível. — Quando lhe chegou a sua vez, revelou o segredo no confessorario; mas o padre que o linha ouvido morreu de repente ao lado do doente, e o santo officio declarou-se herdeiro d'aquella fortuna desconhecida.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL.

UM espectáculo magnifico a vista dos Campos Elysios em Paris por um bello dia do estio, com a sombra das suas arvores, com as bandeiras que fluctuam a todos os ventos da terra, o murmurio das vozes, as carroagens que passam, a multidão que circula, os trajos diversos que se cruzam em todas as direcções, os vestuarios elegantes que se ostentam de um e outro lado da calçada, e que lhe dão, por algumas horas, a apparencia de dois longos carteiros de flores animadas. Mas é principalmente á tarde, quando a frescura da viração começa a fazer esquecer o calor do dia, que as proximidades do palacio da industria se apresentam com um aspecto de encantar. O sol, que se some no horisonte por traz das collinas do Sena, envolve n'uma athmosphera de oiro a parte alta dos Campos Elysios, e derrama nos topos das arvores a vaporosa tinta dos seus ultimos raios. Quem vem então da praça da Concordia, abrange successivamente com a vista todos os pontos em que se reúnem, segundo o seu genero e natureza, os productos da exposição universal; á direita, entre massas de verdura, que as preservam do calor do dia, estão as flores e as frutas da produção horticola; á esquerda o palacio da industria, que, semelhante a uma redoma collossal, cobre com a sua abobada tripla de vidro as maravilhas do fabrico; mais ao longe, seguindo a mesma direcção, e na margem oriental do Sena, vêem-se as machinas, cada uma das quaes é como uma centelha do genio do seculo 19. Aqui, a locomotiva que não precisa mais que uma faisca para se precipitar devorando a extensão e o espaço:

acolá, os instrumentos aratorios, promptos para rasgar as entranhas da terra de que nasceram, afim de lhes duplicar a fecundidade; mais ao longe, machinas poderosas destinadas para governar a agua, assim como as suas visinhas governam o fogo. Enfim, dos antigos elementos, que uma seita de philosophos considerava como principios dominadores e eternos do mundo, nenhum ha que deixasse de ser subjugado, e que não encontrasse n'esta longa serie de portentos, o instrumento que deve domar a sua força, dirigindo-a e empregando-a em serviço e beneficio do bem-estar da familia humana.

Não é possível percorrer sem commoção as galerias em que se acham reunidos os trophes do engenho de todas as nações. Ha n'aquella reunião de obras, que vem de todos os pontos do horisonte e de todos os paizes da terra comparar-se pacificamente debaixo da mesma bandeira, uma eloquencia muda, superior a todas as reflexões e a todos os discursos.

Continuando o nosso passeio á sombra das bellas arvores da avenida de Saint-Cloud, e admirando de passagem os elegantes basares que ostentam as suas riquezas ao longo do caminho, lancemos os olhos para as salas e galerias do palacio consagrado á exposição das bellas artes, que examinaremos com mais vagar no fim da nossa digressão, para admirarmos primeiramente os prodigios da industria e das artes, que se nos offerecem aos primeiros passos que damos no palacio da industria.

Apesar do sol que bate em cheio nos vidros e nas pedras d'este vasto edificio, gosa-

se uma sensação de agradável frescura e bem-estar, á vista das fontes cristallinas, que regam, murmurando, os canteiros de verdura, que ornám a fachada principal do palacio, do lado da grande avenida.

O monumento collossal, de um desenho correcto e puro, posto que alguma coisa pesado e de um aspecto massivo de mais, estende-se do nascente ao poente, n'um plano paralelo ao do Sena. Compõe-se de quatro frentes, cada uma das quaes tem duas ordens de janellas, tendo-se nos frisos os nomes de grande numero de benfeitores da humanidade.

Em cada um dos quatro angulos ha um pavilhão saliente que concorre para a harmoniosa symetria do todo.

A fachada do norte, representada na nossa estampa, é decorada no meio por um portico de pilastras e columnas ornadas de esculturas, e rematando por uma estatua que representa a Gloria, tendo na mão corôas de louro, aos pés a aguia imperial, e aos lados duas figuras allegoricas.

Tres abobadas, em quarto de circulo, se succedem e se tornam a juntar umas ás outras; as duas lateraes são um pouco mais baixas que a do meio, que cobre o que poderia chamar-se a nave principal em relação ás duas galerias em arcadas que formam os lados. Debaixo dos tectos de vidro, através dos quaes a luz se precipita em plena liberdade, estão suspensos os estandartes das diferentes nações, que annunciam ao espectador que vae percorrer successivamente a França e as suas colonias, os Estados-Unidos da America, o imperio d'Austria, o grão-ducado de Baden, o reino de Baviera, a Belgica, o ducado de Brunswick, a monarchia dinamarqueza, a republica de S. Domingos, a Hespanha e Portugal, Francfort, a Inglaterra e Irlanda, as colonias inglezas, a Grecia, o Havre, as cidades hanseaticas, o reino de Hawaïen, a Hesse, o principado de Lippe-Detmold, o gran-ducado de Luxemburgo, o Mexico, o gran-ducado de Oldemburgo, o reino dos Paizes-Baixos, os estados pontificios, o reino da Prussia, os dois principados de Reuss, os Estados Sardos, o reino de Saxe, os ducados de Saxe-Coburgo, e de Coburgo-Gotha, os de Saxe-Meiningen e de Saxe-Weimar, o principado de Schanenbourg-Lippe, o de Schwartzbourg-Rudolstadt, a Suecia e Noruega, a confederação suissa o gran-ducado de Toscana, o reino de Wurtemberg, a Persia, o Egypto, a China, Tunes e a Turquia.

Esta ordem geographica não é a unica que

serve para o espectador se dirigir sem custo n'este vasto labyrintho; houve o cuidado de grupar, em cada industria, não sómente os productos que fornece ao commercio, mas tambem as materias primas que emprega e os instrumentos de que se serve.

Por este systema, a totalidade divide-se em grupos, os grupos em classes, e as classes em secções.

Bastará citar aqui as classes para dar uma idéa da riqueza da exposição de 1855 e da variedade dos objectos que contém; eil-os pela ordem do catalogo: Arte das minas e metallurgia; Arte florestal, caça, pesca e colheita dos fructos obtidos sem cultura; Agricultura; Mechanica geral applicada á industria; Mechanica especial e material dos caminhos de ferro e outros meios de transporte; Mechanica especial e material das fabricas industriaes; Mechanica especial e material das manufacturas de tecidos; Artes de precisão e industria relativa ás sciencias e ao ensino; Industrias relativas ao emprego economico do calor, da luz e da electricidade; Artes chemicas, tinturaria e impressão; Industrias dos papeis, das pelles, do caoutchou, etc.; Preparação e conservação das substancias alimentares, hygiene, pharmacia, medicina e cirurgia; Marinha e arte militar; Construções civis; Industrias do aço, bruto e trabalhado; Fabrico das obras de metal de trabalho ordinario, de joias e de ouro e prata; Industrias dos bronzes d'arte; Vidro e arte ceramica; Industria dos algodões, das lãs, sedas e linhos; Chapellarias, tapetes, passamanaria, bordados e rendas; Moveis e decorações; Confeccão dos artigos de vestuario; Fabrico de objectos de modas e de fantasia; Desenho e plastica applicados á industria; Impressão de caracteres e de gravura a buril; Photographia; Fabrico de instrumentos de musica.

Depois d'esta nomenclatura indispensavel, podêmos começar a nossa excursão, sem receio de nos perdermos.

A sala que temos de visitar compõe-se de duas grandes divisões, a parte inferior e as galerias superiores, que communicam entre si por meio de escadas praticadas nas duas extremidades oriental e occidental do palacio.

A parte inferior comprehende os dois lados separados pela grande nave em que temos que admirar os objectos de duas grandes divisões: faroes, alguns bronzes d'arte; altares de marmore, de pedra, de bronze e de madeira; peças de artilheria, orgãos, um modelo de barco de vapor, fragmentos de es-

culptura gothica, e um espelho magnifico feito nas officinas de *Saint-Gobain*.

Voltemos porém á França, no meio da qual nos farchámos ao entrar na sala, e que occupa nada menos que todo o lado de baixo da direita, sem contar o seu logar na galeria correspondente por cima; ella só, enche quasi metade do palacio, e contava em 12 de maio 9,237 nomes entre os 17,979 exponentes inscriptos até áquella data! Entre as innumeraveis vidraças que lhe foram destinadas, de nascente a poente, com os seus productos em todo o genero, pelles, obras de vidro, desenhos, imprensa, platina, tulles, linho adamascado, musica, armas de guerra, esculptura, bonitos para crianças, lonas e cabos, cristaes, rendas, dourados, obras de ourives, copos, garrafas, barro, louça, chitas, ceramica, plumas e flores, porcelanas e cristaes, tecidos, bronzes, objectos d'agricultura, machinas, pannos, etc. Mas as suas riquezas não se resumem n'isto: voltando para a galeria da direita, depois de ter subido a escada do poente, e admirado as cobertas de Hollanda, que conta 454 exponentes, os bordados da Suecia, que tem 428; depois de ter atravessado a Hespanha e Portugal, achâmo-nos entre as brilhantes remessas das manufacturas de Lião, Nimes, Saint-Etienne, Mulhouse, Saint-Quentin, Ronen, etc.

Sae-se da França na extremidade occidental, para passar á Sardenha, que entra com os seus 209 nomes na lista, e aos estados pontificios, que contam apenas 48; depois, seguindo a galeria de leste, atravessâmos a Toscana, que conta 198 nomes, a Grecia que tem 121; passâmos rapidamente pela regencia de Tunis, Turquia, Egypto, China e Persia, que se fizeram desejar muito; e penetrando no lado meridional, entrâmos nos dominios da Grã-Bretanha, que fornece um contingente de 1,484 exponentes.

Paremos aqui diante dos maravilhosos tecidos das Indias, dos vestidos recamados de ouro e pedras preciosas; paremos diante dos prodigios dos ourives inglezes, d'estes ramalhetes de ouro e prata, d'estas flores em cujos calices scintillam diamantes em guisa de orvalho, d'estes vasos cinzelados, d'estas joias, d'estas esculpturas admiraveis feitas em meaes durissimos, e nos quaes a delicadesa do trabalho rivalisa com a riqueza da materia, e a riqueza da materia com a perfeição da obra. Mortimer ostenta aqui os seus thesouros deslumbrantes, e os seus productos são talvez os unicos que façam comparar, de certa maneira quasi victoriosamente, a exposição franceza com a de Inglaterra. Até aqui

os productos das duas nações appresentam-se com um caracter perfeitamente distincto e proprio a cada uma d'ellas. Na parte franceza, o distinctivo principal é a arte, que se faz ver nas cousas mesmo mais insignificantes; na parte ingleza, é a industria; n'uma, é o agradavel e na outra, o util. Esta differença salta aos olhos quando se percorrem as producções dos dois povos, e principalmente quando, depois de ter observado as de França, se passa ás de Inglaterra, não deixando mesmo de comparar o modo porque os objectos se acham dispostos.

Eis-nos aqui nos limites dos Estados Unidos da America, que forneceram apenas 87 nomes. A America do Sul separa-os, pelo poente, da Belgica, nas cartas topographicas do palacio da industria.

Da Belgica vieram 697 exponentes, e os primeiros productos que enviaram foram lonas, cabos, armações e ornamentos de egreja, rendas e chitas.

A Austria confronta com a Belgica pelo Occidente, ostentando as obras primas dos seus 1660 fabricantes, a pouca distancia dos productos de Zolverein, entre os quaes notaremos de passagem os de Saxe e de Wurtemberg, que foram os primeiros a chegar.

Estamos actualmente no fim do lado meridional, e se entrarmos na galeria do poente, atravessaremos os estados da Dinamarca, a Suecia e a Noruega, por onde deixaremos a parte alta d'este mundo de prodigios, para descer ás regiões inferiores, em que tornaremos a achar na mesma ordem e posição immediatamente correspondente os ultimos paizes, que acabâmos de visitar, o Zolverein e a Prussia, com as suas armas, as suas porcelanas e os seus cristaes; a Austria, a Belgica, os Estados Unidos e a Inglaterra.

E preciso examinar minuciosamente cada um d'estes thesouros, estudar cada uma d'estas vidraças como se fosse a pagina d'um bom livro, beber a lição da alta philosophia que ella contém. Não basta ver, é necessario comprehender, é mister pensar e não sair do palacio da industria com os olhos cheios de imagens e o espirito vasio de idéas.

Não se deve tão pouco sair sem ter abrangido com os olhos a belleza magestosa do todo. O viajante depois de ter examinado um a um os fructos de uma quinta n'um bello silio, gosta ainda, antes de partir, de lançar a vista pela paisagem que vai deixar. E é realmente um spectaculo digno de toda a nossa attenção esta sala em que mil bandeiras se desenrolam, adornada de mil tapeçarias, illuminada por mil janellas, em que se

reunem todas as riquezas do mundo, em que todos os povos da terra se abraçam, e que o sol no poente doura com os seus ultimos raios, em quanto que algum orgão, na sombra das galerias orientaes, faz ouvir a sua voz grave e melancolica ao longo das cupulas de vidro, como se estivesse debaixo das abobadas sonoras de uma cathedral.

Podemos sair agora pela porta meridional, e, atravessando a avenida de Saint-Cloud pela ponte que liga o grande palacio á galeria das machinas, chegar ao palacio das bellas artes sem deixar a exposição.

A sala das bellas artes encerra todas as remessas da pintura, gravura, esculptura, lithographia, gravura de medalhas, desenho, architectura, isto é, um total de 3,112 objectos, mais de metade dos quaes pertencem á França. A sala é formada por um vasto quadrilatero que se estende do nascente ao poente, e que se compõe interiormente de tres grandes salas, rodeadas por galerias parallelas e concentricas. E, começando pelo vestibulo da avenida *Montaigne*, a Dinamarca, a Suecia, a Noruega, a Toscana, os Estados-Unidos, a Suissa, o granducado de Baden (a que pertencem os bellos quadros de M. Knauss) a Prussia, a Hespanha, Portugal, Saxe, a França que com as obras dos seus mestres — Ingres, Vernet, Delacroix, Gudin, Decamps, Muller, Couture, Diaz, Flandin, Lehmann etc. enche os dois grandes salões do fundo, assim como as galerias que as rodeiam, exceptuando porém a da direita, que pertence quasi toda á Inglaterra. A Hollanda está contigua á sala de M. Gudin, e quanto á Belgica, que, este anno, se apresentou como rival verdadeiramente digna de França, enche

com os seus quadros magnificos toda a galeria que se estende entre o museu china, á esquerda, os Paizes-Baixos, o Piemonte e a Prussia.

Voltaremos a estas diversas obras; basta de viagens e de explorações por hoje; para que a contemplação das cousas bellas, obre eficazmente sobre a alma, é mister saboreal-a na paz do recolhimento; e nada ha tão agradável ao sair do espectáculo do mundo, como o da natureza. Tambem ella enviou á exposição uma amostra das suas maravilhas. Em frente do palacio de pedra, está um palacio de verdura, refrescado por aguas correntes, e pelo borbulhar crystallino das fontes, cheio de sombra, de luz, de harmonias e de murmuros: é o palacio das flores. Estas elegantes estrangeiras, em todo o vico e frescor da primavera, vieram de climas diversos. Umás, muito delicadas para a atmosphaera da França, desabrocham ao abrigo de engraçadas estufas habilmente distribuidas; outras sorriem-nos debaixo das sombras de folhagem que as abrigam dos raios de um sol estrangeiro; estas, menos susceptiveis, ostentam ao sol as suas corolas magnificas; aquellas enrolam-se em grinaldas, grupam-se, animam-se e estremeçam ao sopro da aragem, e todas parecem desafiar com a sua belleza a belleza das flores do engenho humano. Mas entre as obras de Deus e as do homem não ha rivalidade; e se o sentimento que se experimenta á vista das ultimas é a admiração, o que penetra em nós ao espectáculo das primeiras é a commoção do extasi, junta á prece do reconhecimento para com a Divindade.

(Continúa)

NAS VESPERAS DA ACCLAMAÇÃO.

As horas a que escrevemos estas linhas, Lisboa prepara-se para grandes cousas. — As provincias vão buscar ao fundo dos bahús tudo o que n'elles ha de bello e precioso para figurar na capital. — Os vapores despejam diariamente milhares de pessoas no

Terreiro do Paço, primeiro alvo de muitos olhos bonitos e muitos mais olhos feios, que começam por procurar entre os transparentes preparados para a illuminação, o brazão da sua terra natal. — As diligencias fornecem o seu contingente de curiosos, todos os

meios de transporte andam em serviço activo. — O Santa-Clara folga, os escriptos das casas desaparecem, os senhorios fazem-se de manto de seda, e as hospedarias engordam a ponto de se recear que rebentem.

Pelas ruas da baixa cruzam-se toilettes fantasticos, que não serviam ha muitos annos, e as lojas de modas do Chiado não tem mãos a medir com as janotas provincianas.

Em quanto lá por fóra as esquadras e os exercitos, sómente por interesse da humanidade, tratam de se aniquillar mutuamente, e que os sabios de todas as nações consomem o tempo e torturam a sciencia para a fazer vomitar algum meio phylantropico de queimar e reduzir a poeira o maior numero de homens, no menor espaço de tempo possível; em quanto que francezes e inglezes dançam com um pé nos bailes dados á rainha Victoria, e saltam com outro por cima dos cestões e das faxinas ao estrondo da artilheria russa, Portugal, que n'estas alluras goza do ineffavel bem de não ter as honras de grande potencia, carrega os seus morteiros com fogo de artifício, e fornece os seus navios de pistolas e bichas de rabiari para tomar de assalto uma fortateza de papelão.

Ainda bem que assim acontece.

O caso é que nos achámos n'uma d'estas epochas memoraveis para um povo. Como que adormecidos até aqui no meio da vertigem da civilisação, que invadiu a Europa, parece que começámos a despertar agora do pesado somno que nos causaram as fadigas e os trabalhos dos nossos descobrimentos e conquistas. Já é tempo para Portugal de levantar a cabeça e de abrir os olhos admirados para o que se passa lá fóra. Começando a ver, começaremos a desejar, e quando se deseja de véras, todas as difficuldades desaparecem.

Cançados de questões por causa de palavras e de luctas por causa de pessoas, é occasião de empregar a favor das coisas os esforços que até agora temos consumido tão inutilmente. Portugal tem diante de si uma nova era em que o vapor e o arado, a industria e a agriculltura devem ser os representantes das espadas e das lanças dos seus valentes cavalleiros d'outro tempo.

Um novo rei, verdadeiro filho do seculo 19, que nos transmite todas as esperanças dos seus dezoito annos, cuja instrucção vale por uma longa experiencia, e que em tão tenra idade tem já sido testemunha de terriveis cataclysmos sociaes, vai empunhar o sceptro de D. Diniz e D. Manuel.

Creado desveladamente no amor das sciencias e das artes, o Senhor D. Pedro V fez já a admiração das nações que percorreu nas suas viagens. A mão de Deus, que poz um principe tal á testa de uma nação que dotou tão generosamente, destina-lhe de certo um reinado de gloria. Portugal, apesar de pequeno, é grande na historia do mundo pelas recordações do seu passado; tenhamos fé no futuro, e sacudindo a poeira do desmasêlo e da incuria, veremos ainda a nossa bandeira tremular ufana entre as mais respeitadas da Europa.

Lisboa, como já dissemos, prepara-se para as festas da proxima aclamação, e as provincias, segundo nos consta, fazem o que podem para solemnizar a inauguração do novo reinado.

A *Revista*, que na sua humildade artistica, não pôde manifestar por outra maneira o prazer e as esperanças que nutre, arranja tambem o seu programma para a festa, veste-se de gala, e faz as suas despesas extraordinarias para festejar um acontecimento que, temos fé em Deus, ha de contribuir energicamente para a sua duração e melhoramentos.

Daremos pois aos nossos assignantes conhecimento de tudo o que na capital se fizer de notavel, por meio de gravuras que serão acompanhadas das convenientes descrições, e faremos diligencias para que nada fique a desejar, a este respeito. Não nos faltam novidades para os nossos assignantes das provincias. Temos a restauração do theatro de S. Carlos, cujos desenhos esperamos dos srs. Rambois e Cinnatti, bem como os dos melhoramentos do theatro de D. Maria II; temos a decoração e illuminação da Praça do Commercio; de tudo poderíamos dizer já alguma coisa, se quizessemos prejudicar o n.º 12, que deve tratar especialmente de todos estes assumptos.

Por agora o que podemos fazer, é repetir o que já dissemos no principio d'este artigo. Lisboa não pôde com mais gente, e as hospedarias e armazens de modas hão de lembrar-se por muito tempo, com saudade, da aclamação do Senhor D. Pedro V, como de uma epocha de ouro que tarde tornará a voltar.

A este respeito pôde muito bem ser que nos enganemos, e que dentro em pouco festas e illuminações se repitam.

Tanto melhor.



O SR. NOVAES CORTE REAL.

A *Revista Estrangeira* acaba de sofrer uma verdadeira perda na pessoa do seu administrador e principal redactor, o sr. Novaes Corte-Real.

Os nossos leitores conheceram-o como escriptor elegante, como pensador profundo, como homem de gabinete, acompanhando-o nas suas reflexões e estudos, nos seus trabalhos acerca da grande questão que se debate, e que elle tratava mais largamente na *Revista Militar*. Nós conhecemos-o como homem, como camarada e como amigo; vimos-o na sua vida privada, e admirámos no seu trato familiar aquelle mesmo espirito reflectido, aquella intelligencia clara, sequiosa de todos os conhecimentos, e que illuminava, apenas lhes tocava, as questões mais estranhas á sua carreira e principaes estudos. O sr. Novaes era um homem quasi deslocado n'este seculo e n'esta geração, porque encarava francamente os factos, entrava nos debates da intelligencia com a mesma franqueza e boa fé, e não olhava para uma assignatura senão quando queria conhecer um nome para o acatar e para admirar as suas outras produções.

Respeitando nos homens os seus proprios

defeitos, o sr. Novaes, como homem, nunca teve adversario: como escriptor, era modesto como todo o espirito superior, e nunca duvidou curvar-se perante o saber e a intelligencia.

O seu coração, virgem de paixões mesquinhas e de interesses grosseiros, soçobra ás primeiras vagas d'esse mar em que nunca navegára; a luz que o illuminava incendiou-o, e em vez dos louros que colheria infallivelmente no futuro, a sua mesma probidade e intelligencia precipitaram-o na sepultura.

Nós que o acompanhámos á sua ultima morada, que ouvimos, n'um sentido discurso do sr. Marques, que adiante transcreveremos, expor a carreira soçegada, a vida modesta, estudiosa, e ainda tão curta do nosso illustre collega; nós que escutámos as palavras do sr. Rebello da Silva, cahindo n'aquella sepultura aberta, como o ultimo adeus dos seus camaradas e amigos, chorámos como todos os outros, e não podémos fazer mais nada! A sciencia e a poesia prestaram-lhe as ultimas honras, e cada um encerrou consigo a saudade que lhe rasgava o coração.

L. CORREA CALDEIRA.

UMA MÃE.

FRA no inverno; um vento glacial soprava pelas campinas cobertas de neve. N'uma choupana uma pobre mãe estava ao pé de seu filho doente.

E estava bastante triste aquella boa mulher, porque tremia pelos dias de seu filho, tão pallido o via; e com tanta difficuldade elle podia já respirar. De repente bate-se á porta; uma mulher velha, embrulhada n'um capote, entra na choupana.

Como a velha vinha a tremer de frio, e o doentinho parecia descançar, a sua pobre mãe se levantou, e foi aquecer um pouco de vinho na brazeira; e dirigindo-se á desconhecida: — O meu pobre filho não ha de morrer; não é assim? Deus, que é tão bom, não m'o ha de tirar, não é verdade!... Mas a velha apenas respondeu por um simples encolher d'hombros, que tanto podia dizer sim, como não. Então a pobre mãe poz-se a chorar; depois, como havia já tres dias e tres noites que tinha velado constantemente, os olhos fecharam-se-lhe contra sua vontade um minuto, só um minuto, — quando os tornou a abrir, a velha e o seu filho tinham desaparecido. A infeliz correu para fóra de casa, lavada em lagrimas, chamando por o seu querido filho.

No meio da neve estava assentada uma mulher vestida de preto, que lhe disse.

— A morte entrou ha pouco em tua casa, e acaba de sair de lá com o teu filho nos braços... e corria mais ligeira do que o vento... Coitada de ti, nunca mais o tornarás a ver... a morte não restitue a presa que uma vez empolga!

— Dize-me apenas o caminho que ella seguiu.

— Dir-t'o-hei, quando me tiveres cantado todas as cantigas com que adormecias o teu filhinho. Gósto d'ellas. Eu sou a noite, e bastantes vezes vi correr as tuas lagrimas.

— Cantar-t'as-hei todas, mas antes deixa-me encontrar o meu filho!

Mas a noite ficou muda e immovel. Então a desconsolada mulher cantou por muito tempo, e chorou ainda por mais. Quando deu fim aos seus cantos, a noite disse-lhe:

— Segue sempre na tua frente; é para a floresta de pinheiros que se dirigiu a morte.

Chegada ao meio da floresta, a pobre mãe, vendo muitos caminhos diante de si, parou, não sabendo qual devia seguir; aproximou-se de uma moita d'espinhos, toda desfolhada e queimada pelo frio.

— Não viste passar a morte com o meu filho? lhe perguntou ella.

— Sim; vi-a passar, mas não te ensinarei o caminho que tomou, salvo se me aqueceres no teu seio.

A mãe pegou então no arbusto irriçado d'espinhos e apertou-o contra o seio, e com tanta força o fez, que os bicos lhe rasgaram as carnes e o sangue correu por muitas fendas.

Immediatamente os espinhos reffloresceram n'esta fria noite de inverno, tão forte é o calor do peito da mãe que chora a perda de seu filho.

Continuou o seu caminho até um lago immenso, onde não viu navios nem botes... e no entanto precisava atravessal-o para ir ter com o seu filho... ajoelhou e fez diligencias para seccar o lago; julgava talvez a infeliz que o ceo fizesse um milagre em seu favor; mas era o impossivel que ella tentava.

— Pobre mulher! disse-lhe o lago: nunca poderás alcançar o que pretendes. Mas ouve lá, se me queres dar os teus bonitos olhos para juntar á minha colleccão de perolas, transportar-te-hei junto da serra que habita a morte e onde ella trata das suas flores.

— O que não darei eu por tornar a encontrar o meu querido filho, disse a mãe; e chorou tanto, tanto, que perdeu a vista...

E eis que se acha transportada para a outra margem, e para defronte de uma casa muito singular. — Mas a pobre mulher não a podia ver... já não tinha olhos...

— Onde irei eu encontrar a morte e o meu filho? perguntou ella em altas vozes.

— Ainda não chegou, disse-lhe uma mulher de cabellos grisalhos, guarda d'esta habitação excepcional. Mas como podeste tu conseguir o chegar até aqui, continuou ella em tom sacudido.

— Com a ajuda do bom Deus, respondeu a mãe. — E misericordioso, e tu sel-o-has tambem, não é verdade? Onde acharei o meu filho? continuou ella, de mãos postas.

— Não o conheço, e que te importa o teu filho, se o não podes ver? Muitas flores murcharam esta noite, e caíram; a morte vae em pouco transplantal-as para aqui. Sabes que cada homem tem n'este jardim a sua arvore ou a sua flor, conforme está ordenado. Todas tem a mesma apparencia das outras producções da terra; sómente aqui arvores ou flores tem um coração que bate e palpita. Talvez possas reconhecer o teu filho pelo bater do seu coração. Mas para te levar a ver estas flores que me darás tu?

— Nada tenho para te dar, ai de mim, exclamou a infeliz; mas irei por ti ao fim do mundo se for necessario.

— Não tenho lá nada que fazer. — Podes dar-me os teus lindos cabellos pretos, que me agradam muito; e tomarás os meus em troca.

— Não pedes mais do que isso? Toma-os lá.

E a mãe deu os seus bellos cabellos negros e recebeu os cabellos grisalhos da velha.

Então entraram na serra, onde crescia uma quantidade immensa de flores; aqui, jacinthos e rosas; além, lirios e dhalias; umas frescas e viçosas, outras enfesadas e quasi seccas. A cada flor a mãe inclinava-se e escutava; finalmente reconheceu a flor do seu filho pelo bater do seu coração.

— Eil-o aqui, exclama ella, deitando a mão a um cato que inclinava o seu calice para o chão.

— Não toques, lhe disse a velha, fica aqui ao pé, e quando vier a morte, que espero a todo o instante, não a deixes tocar na flor, ameaçando-a de destruir as que estão aqui proximas; e ella ha de parar, porque não póde arrancar as plantas que estão n'esta serra senão com licença de Deus.

Apenas tinha acabado de fallar, que um vento glacial soprou na serra. A pobre cega sentiu que era a morte que chegava.

— Como podeste encontrar o caminho da minha habitação? lhe perguntou a morte. Como é possivel que chegasses aqui primeiro do que eu?

— Sou mãe! respondeu a cega.

Então a morte estendeu a mão nevada para a pequena flor; mas a mãe accudiu com as suas para defender a flor. A morte soprou sobre estas mãos audaciosas, e as mãos gelaram; porque este sopro era mais frio do que o vento glacial do inverno.

— Tu nada podes contra mim, lhe disse a morte.

— Mas Deus póde tudo, replicou a boa mãe.

— Não faço mais do que cumprir as suas vontades, por ser a quem elle encarregou de tornar a plantar as suas arvores no jardim do paraizo, na região desconhecida.

— Restitue-me o meu filho, respondeu a mãe, lavada em lagrimas; e deitou as mãos a duas lindas flores que estavam junto d'ella. — Restitue-me o meu filho, ou arrancarei todas as tuas flores, porque estou desesperada.

— Pára, pára! disse a morte. Queixas-te de seres desgraçada, e ias destruir a felicidade de outra mãe.

— A felicidade de uma outra mãe! dizia a pobre mulher largando as flores.

— Então a morte disse-lhe:

— Toma, eis-ahi os teus olhos: achei-os no lago, e sem saber que te pertenciam, vendo-os tão bellos, apanhei-os: estão agora mais brilhantes que nunca: olha para esse poço profundo. Quero dizer-te quaes são as flores que tu ias arrancar; verás a sua vida inteira.

Olhou então para o poço e viu que a existencia de uma era toda de alegria, toda de felicidade, e a da outra era toda de pezares, de privações e de miserias.

— Qual é a flor da felicidade e qual é a da desgraça? perguntou a mãe.

— Não posso dizel-o. Sabe sómente que uma das duas é a flor do teu filho, e que uma das duas te fez conhecer o seu futuro.

— Mas qual, exclamou a infeliz mãe, qual das duas? Livra a pobre criança de toda a infelicidade. Leva-a antes contigo, para o seio de Deus, esquece as minhas lagrimas, e tudo o que eu fiz, se o meu filho deve ser tão desgraçado.

— Não te comprehendo, replicou a morte. Queres que te dê o teu filho, ou que o leve para paizes que tu não conheces?

A infeliz torcia os braços de desesperação.

— Deus poderoso, diz ella caindo de joelhos: piedade piedade! Se eu vou contra a tua vontade, pedindo-te meu filho, não me ouças.

E a sua cabeça caiu sobre o seu seio. E a morte levou o seu filho para o paiz desconhecido.

T. Pavez.

DUAS AVENTURAS DE CAÇA.

QUANDO eu estava na America, costumava ir passear quasi todas as tardes á praça principal de Washington. Aconteceu-me encontrar alli muitas vezes um homemzinho coxo, com oculos verdes, muito feio, que, de canna e linha na mão, se dirigia para uma ribeira proxima, a fim de se entregar ao passatempo da sua predilecção, a pesca. A physionomia d'este homem era por tal maneira comica, que cheguei a considerar o seu encontro como uma especie de divertimento quotidiano; tanto mais que quasi todos os dias o via voltar com o cabaz vasio. Um dia, que eu dava o costumado passeio na companhia de um capitão de navios que tinha chegado da America do Sul, o infeliz pescador passou, e não ponde suster o riso.

— Pateta, exclamei eu!

— O meu amigo olhou para mim, sorrindo-se tambem.

— Este homem, disse-me elle, nem sempre passou o tempo a pescar infructuosamente. Conheci-o eu, e não ha ainda muito tempo, em outros paizes, onde deu provas de verdadeira coragem e destreza em um genero de pesca muito mais serio.

— Depois, chamando pelo velho:

— Ó lá, mestre Dedmer, exclamou elle; então passa-se assim por um amigo velho sem lhe fallar?

O pescador veio apertar affectuosamente a mão do capitão.

— Aqui estava este senhor a rir-se da vossa pouca fortuna á pesca, disse este sem mais preambulos.

— E tem razão de se rir, porque realmente a sorte me favorece muito pouco, replicou o velho com enexplicavel ingenuidade, não ha remedio senão deitar as culpas á fraqueza da minha vista; um homem quasi cego, não póde ser bom pescador.

Apertou-se-me o coração, e tive remorsos quando soube que, o que eu tomava por falta de habilidade, provinha de uma enfermidade tal.

— Não importa, replicou elle alegremente, se os peixes pequenos me comem hoje impunemente a isca, nem sempre aconteceu o mesmo aos grandes.

— Isso sei eu, e tomara convencer este senhor...

— Contae-nos o que vos succedeu na Guyana...

— Com a melhor vontade, disse o velho; fazei-me sómente favor de ver que horas são no relógio do Capitolio, porque se voltasse tarde para casa, minha mulher ficava com cuidado.

Fui eu ver as horas ao relógio do Capitolio, tão pequeno, tão mal situado, e disse ao velhinho que eram quatro.

— Tenho ainda meia hora; tende pois a bondade de ouvir.

I

Durante algum tempo que passei na America do Sul, tive occasião de ir estar algumas semanas n'uma habitação situada nas margens d'um rio que nasce nas montanhas da Guyana. O dono da casa, posto que empregasse a maior parte do tempo em dirigir e vigiar os trabalhos das suas plantações, sempre achava meios de consagrar algum aos seus divertimentos. Acompanhado por dois criados e por um preto activo e intelligente, chamado Cesar, davamos ás vezes a nossa avançada ao interior das terras, e faziamos uma guerra de exterminio aos quadrupedes e ás aves que povoam abundantemente aquellos paizes; outras vezes, descendo pelo rio abaixo em duas canoas, iamos á pesca, cuja monotonia variavamos, alirando de quando em quando aos passaros que se chegavam ao nosso alcance.

Em consequencia da configuração do terreno, que é baixo e plano na proximidade do mar, muitos dos grandes rios da costa septentrional da America do Sul se dividem em numerosos ramos ou canaes, antes de confundir as suas aguas com as do Oceano. As ilhas formadas por estes canaes são ás vezes de consideravel extensão, e compõem-se de terrenos pantanosos, cobertos em grande parte de altaservas, de junco, de cannas e outras plantas aquaticas. Por baixo d'aquellas massas de vegetação, quasi inaccessiveis, acham guarida numerosas especies de reptis, que só saem d'alli para procurar pasto.

O dono da casa e Cesar tinham-me dito que haviam visto serpentes enormes atravessar os canaes para passar de uma ilha para outra, e que tinham chegado, não sem custo e muito perigo, a destruir algumas. Estas historias tinham excitado a minha curiosidade, e ardia em desejos de descobrir tambem um d'aquelles reptis. Não por que eu tivesse grandes desejos de travar com elles intimo conhecimento... antes pelo contrario: o pouco que tinha visto acerca d'elles inspirava-me uma aversão decidida, e tudo o que ouvia contar do seu terrivel poder de destruição fortificava ainda mais este sentimento. Entretanto não deixaria de gostar de ver um... de longe. Infelizmente, em todas as nossas excursões, ainda nos não tinha apparecido coisa que se parecesse com isso, e começava a desconfiar que o meu amigo e Cesar tinham exaggerado soffrivelmente o numero e as dimensões das serpentes que, segundo diziam, haviam visto e destruido. Mas succedeu-me, pouco tempo depois, uma aventura, que mudou completamente a minha opinião a este respeito, e que me forçou a fazer justiça á sua veracidade.

Um dia, perto de tres semanas depois da minha chegada, disse-me o dono da casa que tinha de ir visitar uma propriedade situada a perto de dez milhas de distancia, e que sendo uma parte da jornada pelos mattos, tinha necessidade de levar consigo Cesar, que era a unica pessoa que sabia o caminho. Accrescentou, que não viria muito tarde, e que, se eu quizesse dar a minha volta quer por terra, quer no rio, podia fazer-me acompanhar por aquelles dos seus criados que tivesse vontade de levar commigo.

Depois que elle saiu, andei perto de uma ou duas horas de roda da habitação sem achar coisa que fixasse a minha attenção; emfim procurando matar o tempo de um modo mais agradável, e achando que estava calor de mais para ir á caça, mandei a um dos criados que apromptasse os petrechos da pesca. Terminados estes preparativos, que não levaram muito tempo, disse-lhe que me fosse buscar a espingarda: e recusando o offerecimento que elle fez de me acompanhar, saltei para a canoa e larguei-a. Começava a descer lentamente o rio.

Como a corrente não era rapida, passou-se algum tempo antes que chegasse ao lugar em que o rio se ramifica em muitos canaes. Dirigi a canoa para um d'estes, onde já tinha estado com Cesar, e em que tinhamos muitas vezes tido occasião de exercitar a nossa habilidade.

O canal não tinha, em geral, mais de dez-oito a vinte pés de largura. Manobrei durante algum tempo á vela, ora descendo, ora subindo a corrente, e procurando deitar a baixo de vez em quando algumas das lindissimas aves que frequentam aquelles pantanos; mas eram raras e não deixavam chegar. Póde tambem ser que eu não atirasse com a minha tranquillidade do costume; fosse como fosse, dei cabo das minhas munições, á excepção de um unico tiro, e não matei senão um passaro da especie dos flamingos. Desanimado pelo pouco resultado da caça, lancei as linhas á agua e levantei-as passado algum tempo; mas ou fosse porque não estivessem iscadas com tanto cuidado como Cesar costumava fazer, ou porque os peixes estivessem dos mesmos humores que os passaros, o caso é que não pilhei um só. Imaginando que seria talvez mais feliz n'outro lugar, desci ainda pelo rio, coisa de um quarto de milha, e lancei pela segunda vez as linhas.

Entretanto a temperatura tornára-se abrazadora. Não vendo modo algum de utilizar a ultima carga que me restava, tirei os sapatos e as meias, e banhei os pés na agua; depois, pondo a espingarda a meu lado, estendi-me nos bancos da canoa, esperando que passasse tempo sufficiente para levantar o apparelho. N'esta posição comecei por fechar os olhos e acabei por adormecer, fagigado pelo calor e pelo trabalho. Não sei ha quanto tempo me acharia n'este estado, quando fui acordado por uma sensação singular; era uma especie de cocegas, como se um animal me estivesse lembendo os pés. N'este estado de meia percepção que segue immediatamente o despertar, lancei a vista para o lado... Nunca, em quanto viver, poderei esquecer-me do arripio, do estremecimento de horror que me percorreu o corpo, ao ver a cabeça e o pescoço de uma serpente enorme, que me cobria um dos pés de baba, dispondo-se, o que me lembrou immediatamente, para o engulir. Eu tinha já affrontado a morte por milhares de maneiras, sobre as aguas do Oceano, e sobre os campos da batalha; mas nunca tinha pensado na possibilidade de que ella se me apresentasse debaixo de uma fórma tão hedionda.

Um instante, um unico instante estive como fascinado; mas o sentimento da minha posição me fez immediatamente tornar a mim; fugi rapidamente com a perna, em quanto que o monstro fixava em mim os seus olhos perfidos e ensanguentados; ao mesmo tempo lancei mão da espingarda. A serpente, turbada segundo me pareceu, pelo movi-

mento que fiz, abaixou a cabeça, e encobriu-se com a borda da canoa. Imagino que, enganada pela minha immobildade, me tinha tomado até então por um cadaver. Apenas tinha tido tempo de me erguer e de dirigir a espingarda para o seu lado, o pescoço e a cabeça do reptil tornaram a apparecer, movendo-se para traz e para diante, como que procurando algum objecto que perdêra. A boca da espingarda estava, quando muito, a alguns pés da distancia d'ella; fiz fogo, e metti-lhe toda a carga na cabeça. Levantando então fóra da agua uma parte do corpo, com um assovio horrivel que me gelou o sangue nas veias, e patenteando aos meus olhos as suas proporções enormes, que até então não podêra senão suspeitar, pareceu querer precipitar-se em cima de mim, e embrulhar-me nas suas monstruosas roscas; mas, pondo de lado a espingarda, e pegando nos remos, empurrei vigorosamente a canoa para fóra do seu alcance. Quando me achei a distancia, é que poudes ver que o tiro fizera effeito, porque o sangue começou a correr da cabeça do reptil, em quanto elle se enrolava sobre si mesmo, em contorsões horripaveis. Infelizmente, como já disse, tinha gasto todas as minhas munições, se não fosse isso teria mimoseado o monstro com mais um ou dois comprimentos semelhantes áquelle com que o recebi.

Tudo isto se tinha passado em muito menos tempo do que aquelle que tenho gasto em o contar. Subindo pelo rio, poudes ouvir a bulha que faziam os juncos e as canas, entre as quaes se tinha refugiado a serpente, quebrando e estalando debaixo do pezo do seu corpo. Não quiz saber das linhas que tinha abandonado; mas, continuando a cortar a corrente com toda a velocidade que podia imprimir á canoa, cheguei dentro em pouco ao lugar em que havia embarcado. Saltei em terra, e amarrando a canoa á presa, corri a casa, onde encontrei o meu excellente hospedeiro, que acabava de chegar. Contei-lhe o perigo a que escapára, quasi milagrosamente, e o estado em que tinha deixado a serpente.

— N'esse caso, me disse elle, não póde escapar-nos; é preciso perseguil-a sem perder um momento.

E, chamando logo Cesar, mandou-lhe preparar as espingardas, e disse-lhe que trouxesse comsigo mais dois outros criados.

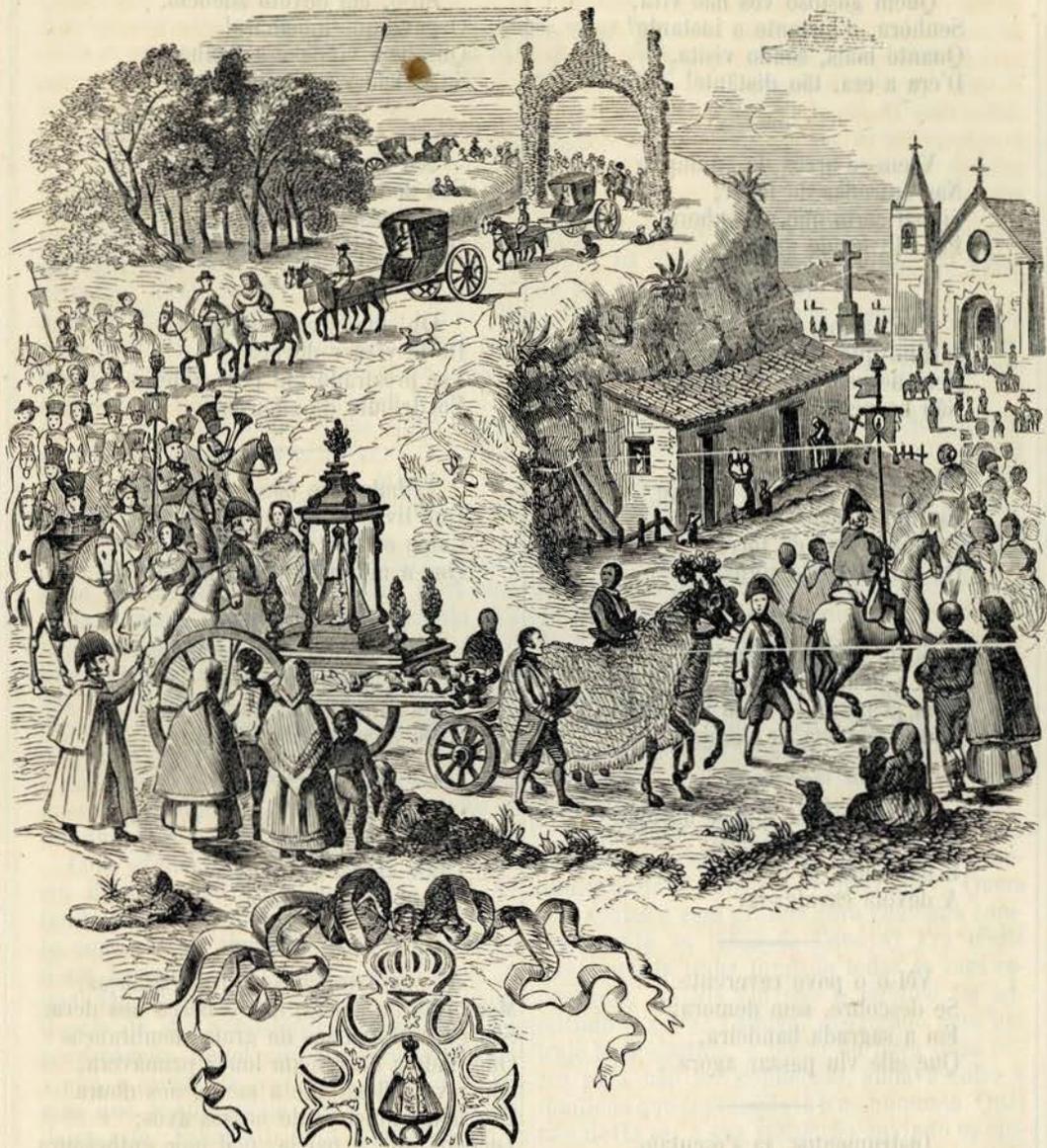
— Se vos sentis em disposições, me disse elle então, de levar ao cabo uma aventura, tão bem começada, e se não tendes receio de vos achar cara a cara com o vosso inimigo, procurar-vos-hemos um passatempo, que, segundo todas as apparencias, vos ha de ser agradável.

Respondi-lhe que nada estava mais longe das minhas intenções do que ficar para traz; e accrescentei que se me não tivesse achado sem polvora e chumbo, o meu adversario não teria ficado quite, por tão baixo preço.

— Geralmente, proseguiu elle, é extremamente perigoso atacar de perto estas grandes serpentes, quando estão feridas, porque então tornam-se furiosas, e aqui mesmo ha exemplos de pessoas mortas em expedições d'este genero. Havia na habitação de um visinho meu, um pobre diabo, que acompanhando um dia á caça seu amo e alguns amigos, achou-se de repente em presença de uma grande gyboia. Fez immediatamente fogo sobre ella, e imaginando tel-a ferido mortalmente, chegou-se a ella para a acabar; mas o animal, tornando a si, lançou-se a elle, agarrou-o e apertou-o n'uma espiral feita pelo seu enorme corpo. Os gritos horripaveis do desgraçado chamaram os outros caçadores em seu soccorro, mas quando chegaram, achava-se por tal maneira em poder da serpente, que não havia a menor esperanza de o salvar. Era impossivel atirar sem fazer, segundo todas as probabilidades, mais mal ao homem do que ao monstro. Chegar-se a elle, para tratar de lh'o tirar, era ir procurar a mesma sorte. Conseguiram contudo matar o reptil; mas sómente depois de elle ter esmagado a sua victima.

(Concluir-se-ha.)





O CYRIO

ESTE galas toda a aldêa,
 Illuminam-se os altares:
 E gente de toda a parte
 Concorre, chega a milhares.

Nem ha pobre, que precise,
 Nem rico, que hoje não dê,
 Milagres são da Senhora,
 Ao povo, que n'ella crê.

Vem de longe; — Mas que importa?
 A Senhora a visital-o:
 Os de pé, ficam-a esperando,
 Vão buscal-a os de cavallo.

Mas, á festa ninguem falta,
 Que a virgem Nossa Senhora,
 O seu povo quer ver junto,
 N'esse dia a essa hora.

Quem gostoso vos não vira,
Senhora, d'istante a instante?
Quanto mais, sendo visita,
D'era a era. tão distante!

Vêm-se arcos de triumpho
Nas entradas do logar;
Signal certo que a Senhora,
Por alli ha de passar.

Não ha joia, que se occulte,
Jardim que fique com flor,
Nem desvelo que se poupe,
Não ha peito sem amor.

É gente que sobe e desce
Em ondas pelo arraial,
Repica o sino da torre,
Os foguetes dão signal.

Soam gritos d'alegria,
Que a Senhora, e seu cortejo,
Vem já perto; — e só por vê-la
Todos morrem de desejo.

Vê-o o povo, que se agrupa,
Em ála, bem ordenada;
E passando, já começa
A devota cavalgada.

Vê-o o povo reverente,
Se descobre, sem demora;
Foi a sagrada bandeira,
Que elle viu passar agora.

Instrumentos, já s'escutam,
Harmonias alternando,
Com as lóas, que os Anginhos,
Recitam, de quando em quando.

Eil-o, em devoto silencio,
O povo que ajoelhára!
Que bem vinda é a Senhora,
Se A não visse adivinhára.

Seu rico manto bordado,
Sua dourada berlinda,
Coroa posta na cabeça....
Oh que Ella vem de linda!

Oh! que scena deleitosa
De fé viva e devoção,
Ver prostrado um povo inteiro
Em tributo de afeição.

Tributo que não opprime,
Que livre brota no peito,
Como o lyrio da montanha,
Que a ninguem vive sugeito.

E novos hymnos s'escutam,
O fogo estala nos ares,
Repicam sinos da torre,
Arde incenso nos altares.

Que, para o templo, é já ida
A Senhora em procissão;
Onde cultos de seu povo
Agora rendidos são.

As pias, singellas, antigas usanças,
Memorias da patria, que o berço nos dera,
São ellas tão cheias de gratas lembranças
Que n'alma derramam louçã primavera.
São vivo reflexo que a mente nos doura
Dos feitos illustres de nossos avós;
Legados que a patria, mal hoje enthesoura,
Que muitos desprezam, — saudemol-os nós.

J. DA C. CASCAES.



CANOVA.



A dois annos, a condessa M. de Bolognina, cuja belleza tinha sido celebre no principio d'este seculo, veio passar o inverno em Pisa. Achei-me um dia n'uma das suas reuniões, onde se juntavam alguns amigos de antiga data; a conversação caiu a respeito de Canova. A condessa tinha vivido na sua intimidade, e lhe tinha mesmo servido de modelo para a Venus do palacio Pitti. Ouvi com uma viva attenção tudo quanto contava esta fidalga italiana, e eis-aqui o que me ficou lembrando.

Todas as biographias de Canova, mesmo a de Quatremere, que é a obra mais completa e exacta que appareceu a respeito d'este grande artista, dizem que Canova era filho e neto de *scarpellini*, isto é, trabalhadores em pedra, e que aprendeu debaixo da direcção de seu avô, dando logo provas de um talento precoce. Isto não é exacto. Não é possível explicar porque Quatremere tenha querido occultar os humildes principios do seu amigo, salvo se os não conhecia.

Com effeito, Antonio Canova, que nasceu em Possagro, no 1.º de novembro de 1757, tendo perdido seus paes em uma idade muito nova, viu-se obrigado a entrar ao serviço d'um senador de Veneza, o sr. Falier, na qualidade de moço da cozinha. Pouco tempo depois da sua admissão em casa d'este rico personagem, notou elle que a manteiga que vinha á mesa era modelada debaixo de fórmas que annunciavam gosto, e uma verdadeira arte. Falier attribuiu estas esculpturas ao talento plastico do seu cozinheiro; comprimou-o por isto, mas este não acceitou os elogios, e declarou generosamente que as honras pertenciam ao pequeno Antonio. Falier mandou então chamar o rapaz e lhe perguntou onde tinha aprendido a dar semelhantes fórmas á manteiga. — Em parte alguma, respondeu Canova, mas sempre gostei de dar uma fórma aos objectos de que podia lançar mão. — Impressionado por esta resposta, Falier encarregou-se, a partir d'este momento, da educação do seu moço da cozinha, e teve a mesma felicidade que Gravani quando descobriu Macti improvisando no meio dos gaiatos de Roma, e que Cimabúe reconhecendo

no joven pastor que desenhava os seus carneiros na areia, o pintor que um dia havia de ter o nome de Giotto.

Canova nunca esqueceu o seu bemfeitor, e quando Falier morreu elevou-lhe á sua custa e por suas proprias mãos um monumento funebre.

A seguinte particularidade da vida artistica de Canova, por occasião em que estava em Roma, segundo conta Quatremere, foi-nos confirmada pela condessa. Canova estudava em Roma á custa de Falier; o pouco dinheiro que tinha á sua disposição, não lhe permitindo procurar um modelo, lembrou-se de remediar este inconveniente reproduzindo a sua propria figura tal qual lh'a apresentava um pessimo espelho, que tinha comprado por alguns reaes. Que differença d'epochas na sua vida! Faltavam então modelos a este homem, diante do qual alguns annos depois a irmã de um imperador devia assentar-se para se lhe tirar o busto!

A primeira obra de Canova, que deu uma grande publicidade ao seu merito, foi o monumento de Clemente XIV (Rezzonico). Quem não conhece essa grande obra chamada communmente os leões de Canova? Era n'ella que o artista tinha fundado todas as suas esperanças; no dia em que o publico foi admittido a vel-a, Canova, disfarçado com um traje acclesiastico, e tendo na boca duas nozes para não ser conhecido, andava entre a multidão que contemplava o monumento. Qual não devia ser a sua satisfação ouvindo os elogios que saíam da boca d'este povo eminentemente artista!

As feições de Canova não offereciam belleza alguma pronunciada: apenas os seus olhos respiravam vivacidade e davam um certo agrado ao seu rosto.

Canova trabalhava com ardor, levantava-se cedo, e ficava na sua officina até ao meio dia; comia então alguma coisa; dormia a sesta duas horas, e depois continuava com o trabalho até o pôr do sol.

As suas noites dava-as ao mundo, que frequentava assiduamente; entretanto estava longe de brilhar n'elle; a sua timidez, a sua extrema modestia faziam-lhe evitar as

vistas. Não obstante procurava a conversação, mas queria-a instructiva.

A maneira dos antigos, dos verdadeiros artistas, não confiava a outros o cuidado de reproduzirem no mármore as suas estatuas, e em quanto repetia assim os modelos que primeiro tinha executado em barro, ouvia ler obras instructivas.

Não associando pessoa alguma aos seus trabalhos, Canova não teve discipulos, e ninguém, como observou muito bem a condessa, está auctorizado a remedar este titulo. Todavia, não era avaro dos seus conselhos, que dava com toda a sinceridade e sem a menor reserva.

Por uma fraqueza que se encontra em muitos dos homens illustrados, vangloriava-se mais da arte que sabia menos do que d'aquella em que era eminente, e pintor mediocre, dava mais importancia ás obras do seu pincel, do que ás suas esculpturas. Os elogios tributados aos seus quadros eram-lhe muito

mais agradaveis do que os que tributavam aos seus marmores. Entretanto não se atrevia a expol-os a publico, e apenas os mostrava aos seus amigos mais intimos. Respeitou-se n'este ponto a vaidade do grande esculptor, e ninguém se atreveu a dizer-lhe a verdade quanto aos seus quadros. E hoje é ainda necessario o nome de Canova para decidir o viajante que visita a igreja de Possagno a lançar uma vista d'olhos ao quadro que orna o grande altar, e cujo objecto é a descida da cruz.

Percorrendo a historia dos artistas, encontram-se poucos, cuja vida tenha sido tão sosegada e tão feliz como a de Canova. Tudo lhe foi bem. A sua unica paixão verdadeira foi o amor da arte: admirado pela Europa, cheio de honras pelos poderosos da terra, rodeiado d'amigos sinceros e fieis, chegou ao fim da sua existencia na manhã do dia 12 de outubro de 1822.

Marin Vreto.

UM JORNAL DA CALIFORNIA.

UMA folha que se publica semanalmente em S. Francisco da California, que trata um pouco de tudo e de alguma coisa mais, e cujo formato é tão encommo quanto gigantesco, prova que se a sêde ardente do ouro lança os exploradores n'um estado quasi barbaro, as letras e as bellas-artes contam, porém, ainda alli alguns auctores e admiradores. — Poesias serias e burlescas, costumes, romances, novellas, pensamentos, maximas, viagens, anedotas, bons ditos, caricaturas, annuncios, e tudo o que pôde escrever-se e contar-se, toma logar nas 7 columnas de texto de cada pagina do *Wide West*, acompanhado de gravuras que attestam que não é na California que se grava e imprime peor, por nossos peccados.

Os chinas que emigraram para aquella paiz são, porém, asperamente tratados pelo jornal da terra do ouro.

Os chinas, diz o radactor, são para nós ao mesmo tempo, um grande flagello e um enigma inexplicavel. — São só unanimes para o mal. — Os que o podem fazer, levantam con-

tinuamente sobre os seus compatriotas, ricos e medrosos tributos, cujo destino e applicação é um mysterio. — Quanto mais se estudam os seus costumes, peor, porque menos se comprehendem.

A unica razão que apresentam para explicar as numerosas dissensões que entre elles se dão, é a existencia de uma sociedade secreta, de que nunca vimos um membro, e da qual nem ao menos achámos ainda uma prova por pequena que fosse. — O que é certo, é que andam sempre mettidos em desordens e brigas. — Parece que viajam em bandos de partidarios, de forças quasi eguaes. — Os seus combates são mais notaveis pelos grandes preparativos que os precedem, do que pelo sangue que derramam. — Quando decidem chegar a vias de facto, todos os ferreiros e serralheiros dos arredores são empregados em fazer instrumentos de morte; o o que inventa a arma mais extravagante, mais encommoda e menos util, é o que tem a preferencia e a certeza de fazer mais negocio. — O ultimo d'estes combates, é o que teve logar nas minas do

norte, e vem representado no *Wide West*. É preciso confessar que as carantonhas dos chins, o seu armamento, e sobre tudo os longos rabichos que adornam aquellas feias creaturas, fazem mais vontade de rir, do que de admirar o ardor marcial que se traduz nas medonhas cataduras dos filhos do celeste imperio.

Parece que os taes emigrados chinas fizeram monopolio de vicios e da devassidão na California. Ha em S. Francisco grupos inteirios de casas em que elles se entregam a todo o frenesi do jogo e de outras distrações analogas; e posto que aquellas casas sejam as mais miseraveis da cidade, pagam comtudo mais renda, em proporção do capital que mostram, do que os mais bellos hoteis de S. Francisco.

Os chinas lavam tambem roupa, e são os que o fazem mais barato; mas se se attender ao numero dos botões arrancados, de casas rasgadas, á côr da roupa que lhes sae das mãos, e aos objectos de linho que substituem por outros de algodão, é provavel que se rejete a economia do preço da lavagem.

Pelo que respeita ás mulheres, o que d'ellas diz o jornal em questão, não nos parece em harmonia com as caras das que vem representadas nas gravuras.

Ahi vão agora pensamentos e maximas do *Wide West*, que não deixam de ter merecimento.

A verdade é muito preciosa para que se prodigalise ao primeiro que se encontra.

A maxima antiga dizia: — «Conhece-te. — Hoje substitue-se pela seguinte, que é muito mais proveitosa: — «Conhece o teu visinho e tudo o que lhe respeita.»

Póde-se viver sem irmão, mas não sem amigo. — Para merecer um bom amigo é preciso sê-lo.

Dae ao homem espirito e riqueza; é um rei.

Dae-lhe espirito sem riqueza; é um escravo.

Dae-lhe riqueza sem espirito; é um tolo.

Ha quatro especies de leitores: — A primeira parece-se com uma ampulheta; a sua leitura é a areia que corre sem deixar vestigios.

— A segunda parece-se com uma esponja que de tudo se embebe, e que tudo torna a restituir quasi no mesmo estado, só com a differença de ser mais sujo. — A terceira é como um filtrador, que deixa passar o que é bom e puro, e conserva só a espuma e as fezes. — A quarta é semelhante ao escravo que trabalha nas minas de Galconda; deita fóra o que não tem valor, e não guarda senão os diamantes.

VARIEDADES.

Presença d'espirito.



As correspondencias orientaes contam um facto digno de se mencionar.

Quando a esquadra franceza do Baltico estava ancorada em Kiel, uns poucos de habitantes ricos de Holstein foram visitar a nau *l'infexible*. — Um aspirante de segunda classe, de dezasete annos foi encarregado de lhes fazer as honras de bordo. — Acabada a visita, a pessoa principal da sociedade movida pelo acolhimento benevolo e hospitaleiro que recebêra, quiz testemunhar ao joven aspirante todo o seu reconhecimen-

to. — Ignorando os costumes francezes, tirou da bolsa um soberano e pediu ao aspirante que o accitasse. — O caso era realmente de embaraço; escandalisar-se, era de mau gosto, porque o estrangeiro não tinha de certo querido offendê-lo. — O mancebo accitou a peça sorrindo-se, abriu o *port-monnaie*, guardou-a n'elle com todo o cuidado, e depois, tirando uma peça d'ouro equivalente em valor ao soberano, apresentou-a ao estrangeiro, dizendo-lhe: — «Agora, senhor, accitae tambem isto, como uma recordação de mim e da vossa visita. Eis-aqui o meu bilhete.»

O bilhete tinha o nome de um dos mais illustres marechaes do imperio.

Os derviches valsantes de Constantinopla.

Theophilo Gauthier, que teve a fortuna, quando esteve o anno passado em Constantinopla, de assistir ás diversas ceremonias d'esse singular culto, descreve-o assim: Chamam-se *tekkés* os mosteiros dos derviches.

O *tekké* dos derviches valsantes é situado no arrabalde europeu de Constantinopla, chamado Pera, sobre uma pequena praça cheia de tumulos desmantellados.

Os claustros do convento são pintados de vivas côres; tres lados acham-se occupados pelas alegres cellas dos derviches; um grande cypreste e uma fonte completam a decoração. A léste, a vista espraia-se sobre o bosphoro, resplandecente como um diamante. A *capella da dança* é no fundo do claustro.

Os muros exteriores estão cobertos de versetos tirados do alcorão, e escriptos em fórma de arabesco com uma tal habilidade calligraphica, que cada verseto pôde passar por um retabulo.

Vamos agora ver o interior.

O pavimento, encerado e lustroso como um espelho, é rodeado d'uma balaustrada circular como a das naves dos nossos templos. De frente do *Mekrab*, que indica a orientação da Mekka, ha um logar reservado para a orchestra. É um domingo, e á hora do meio dia; francos e turcos, que deixaram á porta as suas botas, ou as suas chinellas, apoiam-se cerrados contra a balaustrada.

Os derviches chegam em procissão, a passos lentos, e dois a dois; vem vestidos de calção branco, d'um curto saiote branco, como o das dançarinas do theatro, d'um collete e d'uma jaqueta igualmente brancos.

O chefe vae assentar-se debaixo do *mekrab*, ou para melhor dizer, vae acocorar-se sobre um tapete recoberto de pelles de gazella, tendo a seu lado dois jovens derviches.

Os derviches avançam compassadamente: desfilam diante d'elle, abaixando respeitosa-mente a cabeça, e indo postar-se todos em fórma diante do *mekrab*.

A oração começa por uma especie de devoto zunido, acompanhado de genuflexões e de prostrações; é a preparação do extasis. A procissão recomeça depois, passando diante do chefe, que abençoa cada derviche á medida que passa.

Ouvem-se os preludios da musica, composta de flautins, que tocam harmoniosamente com o acompanhamento de *tarbouks*, que são uma especie de fagotes. Essa musica, suave

e exquisita, penetra pouco a pouco a alma d'um encanto singular!

Os derviches escutam primeiramente immoveis no meio da nave; de repente um d'elles abre os braços, estende-os horizontalmente e começa a andar á roda, acelerando gradualmente a sua valsa, até que se torna n'um corropio, n'um turbilhão! Toda a procissão dos derviches segue esse primeiro valista; e curiosissimo é ver então todos esses homens vestidos de branco, com os braços abertos, a cabeça inclinada sobre o hombro, os olhos meio fechados, a boca entreaberta por um sorriso de extasis divino! O movimento d'essa valsa é tão ondulos, tão doce, tão attractivo, que communica aos que o vêem a sua vertiginosa rotação.

O chefe passejava por entre os grupos dos valsantes, batendo o compasso com as mãos, para acelerar ou retardar o movimento.

Depois de um instante de descanso, e de uma segunda procissão, a valsa recomeçou, mais fogosa ainda d'esta vez, mais fantastica do que nunca. Seria impossivel contar o numero de voltas feitas n'um só minuto! Os braços levantavam-se e abaixavam-se ligeiramente como as azas de um passaro; uma branca espuma vinha de tempos a tempos humedecer e branquear os rubros labios dos valsantes; umas vezes, a cabeça caía para traz, as palpebras tremiam convulsivamente, as pupillas reviradas sumiam-se de todo, não se vendo já senão o nacar vitroso e embaciado do crystallino; outras, pelo contrario, a cabeça caía sobre o peito, como não podendo com o peso de um deleite sobre-natural!

Quando o esfalfamento se fazia sentir no meio d'esse mystico deleite, deixando o valsante n'uma prostração invencivel, caía de joelhos, e estendia-se depois no chão, com a cara para baixo; jovens serventes vinham então cobri-lo com uma capa multicolor, e o chefe aproximava-se d'elle, recitando em voz baixa alguma oração do seu ritual. A musica não cessou senão quando todos ficaram prostrados pela fadiga dos musculos, e o transporte da alma.

(Alvares d'Andrade.)

O avarento bemfazejo.

«Item a meu filho, cinco libras por anno.

«Item a minha filha, em quanto for solteira, cinco libras por anno.

«Item para edificar um hospital e pa-

ra que se me levante uma estatua, com mil libras.»

Acham-se estas linhas impressas por baixo de uma velha estampa popular, que representa Thomaz Guy, sentado a uma mesa, e no momento em que, ouvindo bulha, suspende a leitura do seu testamento, para procurar esconder a alguma visita importuna o espectáculo do seu thesouro, cobrindo-o com a mão.

Estampa e inscripção são exaggeradas e injustas. Thomaz Guy morreu em 1724, na idade de oitenta e um annos, sem deixar filho nem filha. Tinha vivido sempre em celibato e não consta que exprimisse nunca o desejo de se sobreviver por meio da pintura ou da esculptura. Mas era um homem singularmente excentrico, avarento pelo modo mais deploravel para tudo o que lhe dizia pessoalmente respeito, e ao mesmo tempo não só caritativo mas prodigo, se póde chamar-se prodigalidade o exercicio de uma virtude.

Thomaz Guy era filho de um pobre homem que tinha um barco, e vendia carvão n'um arrabalde de Londres, Southwark; chegou, não se sabe como, a emprehender um pequeno commercio de livros na cidade. Os seus primeiros fundos não excediam 200 libras. A força de industria e de economia, prosperou e depois entrou em especulações durante as guerras que tiveram logar pelo tempo da rainha Anna. A sua fortuna engrossou rapidamente e chegou a proporções prodigiosas. Soube-se isto dentro em pouco pelas suas liberalidades para com a classe pobre. Fundou em Southwark um hospital que tem ainda hoje o seu nome, e as sommas que consagrou a esta obra, avaliam-se em nada menos que 138,292 libras, ou seiscentos vinte e dois contos trezentos e quatorze mil réis; engrandeceu e dotou o hospital de S. Thomaz no mesmo logar. Fundou tambem um hospital em Tamworth, no condado de Stefford. Por sua morte legou uma renda perpetua de 400 libras (um conto e oitocentos mil réis) aos directores do Christ-Hospital para a sustentação de quatro meninos, e outra renda de 1000 libras (quatro contos e quinhentos mil réis) para serem postos em liberdade quatro presos por dividas em Londres e nos condados de Middlesex e de Surrey.

Não esqueceu um só dos seus collateraes: a cada um dos mais pobres seguiu uma pensão vitalicia de 870 libras (tres contos novecentos e quinze mil réis) e legou aos seus pa-

rentes mais novos, assim como aos seus testamenteiros 80,000 libras, ou trezentos e sessenta contos de réis.

Este mesmo homem, tão liberal para com os outros, mesmo em sua vida, não sómente odiava as mais pequenas satisfações que o luxo póde procurar, mas levava a parcimonia até a mais ridicula mesquinharia. Ninguem o viu convidar para jantar uma unica pessoa; não tinha mais que um prato para jantar, e servia-se de um papel impresso e já velho em guisa de toalha. Elle é que é o verdadeiro heroe de uma lição de avareza muitas vezes citada, e cuja verdadeira versão é a seguinte:—Uma noite d'inverno meditava elle, às escuras, diante de dois ou tres pobres carvões accesos, mettidos entre quatro tijolos; batem á porta, accende á pressa uma vela de cebo e abre. A visita era outro avarento que Pope perseguiu e illustrou nas suas satyras, Vutlur Hopkins.

—Que quereis? pergunta Thomaz Guy.

—Pedir-vos alguns conselhos sobre a economia, respondeu Hopkins.

—Se se não trata senão de conversar, replica Thomaz Guy, não ha precisão de luz.

E apagou a vela.

Ha alguns annos, um astronomo inglez, M. Clives, bateu-se em duello, e teve a infelicidade de matar o seu adversario; foi levado aos tribunaes, e teria sido infallivelmente condemnado, se o seu advogado se não tivesse lembrado, para o subtrahir ao rigor das leis, de demonstrar que o réo não estava em seu juizo perfeito. A prova principal que apresentou foi um manuscripto do cliente, destinado á academia, e no qual provava a obscuridade do corpo do sol. Era preciso estar doido para sustentar uma these semelhante! Advogado e cliente, ambos conseguiram os seus fins, um perante os juizes, e o outro perante a academia. M. Clives foi absolvido como insensato, e coroado como sabio por causa da mesma memoria.

Nunca se precisa tanto de juizo, como quando se trata com um tolo.

Acolhei e tratae os bons pensamentos como hospedes, e os desejos como crianças.

MODAS.

EXPLICAÇÃO DO FIGURINO.

TOILETTE DE PASSEIO.

CHAPÉO d'escumilha e tafetá, enfeitado de rendas de blonde e de cachos de flores.

A aba d'escumilha, orlada de tafetá, tem de largura seis a sete centímetros, e é separada da copa por um entremeio de *tulle* da largura de quatro. A copa, a aba e o folho, são d'escumilha.

Toda a orla interior da aba é guarnecida de *blonde* em machinhos; e a exterior, com uma renda larga de *blonde* em pregas, que pende na parte inferior á maneira de um pequeno véo; e sobre as dobras em pregas do *blonde* se collocam indistinctamente alguns lacinhos de tafetá.

Dois cachos de flores ornão os lados do chapéo, inclinados para traz.

O folho é guarnecido de *blonde*; e com elle são também enfeitados os lados.

Vestido de tafetá: o corpo afogado; as mangas formando tres rufos; e a saia com muita roda, guarnecida com sete ordens de folhos, bastante tufados e formando cauda.

Mantelet de tulle preto, guarnecido de veludo e com rendas (*guipure*) pretas.

A parte de cima é feita de *tulle* liso, enfeitado de fitas estreitas de veludo, terminando por uma renda (*guipure*.)

Usa-se também mantas com bainhas, igualmente guarnecido de veludo e de duas rendas (*guipure*) que terminam em baixo com

outra de *tulle*, coberta de fitas estreitas de veludo, que findam por duas rendas largas (*guipure*.)

TOILETTE DE CASA.

Vestido de cassa transparente com guarnições de cassa bordada, entremeios bordados e fitas.

O corpo, afogado atraz, é aberto a diante quasi até abaixo, e uma guarnição em cima fórma o degote.

Um entremeio segue o feitio do degote em volta do corpo, com um laço adiante e outro sobre as costuras dos hombros; e volta para traz com guarnição bordada.

Segundo entremeio, semelhante ao primeiro e guarnecido do mesmo modo, se põe por cima da terceira guarnição bordada que fórma uma *berthe* em roda do degote; e ao lado um terceiro entremeio.

Fita na cintura; e as mangas tufadas, franzindo n'um entremeio e terminando por duas guarnições.

A saia é enfeitada adiante com um entremeio que fórma o centro, e mais alguns entremeios formando o feitio de um V, ornão a frente com um laço em cada ponta. Leva uma tira bordada por baixo de cada entremeio; e uma guarnição também bordada circula o avental.

Sobre a saia, continuam-se os entremeios, e debaixo de cada um d'elles um folho bordado.

Em baixo dois folhos sobrepostos.

Também se pôde fazer mais simples esta mesma *toilette*, substituindo os folhos com rufos cosidos ás tiras bordadas.

